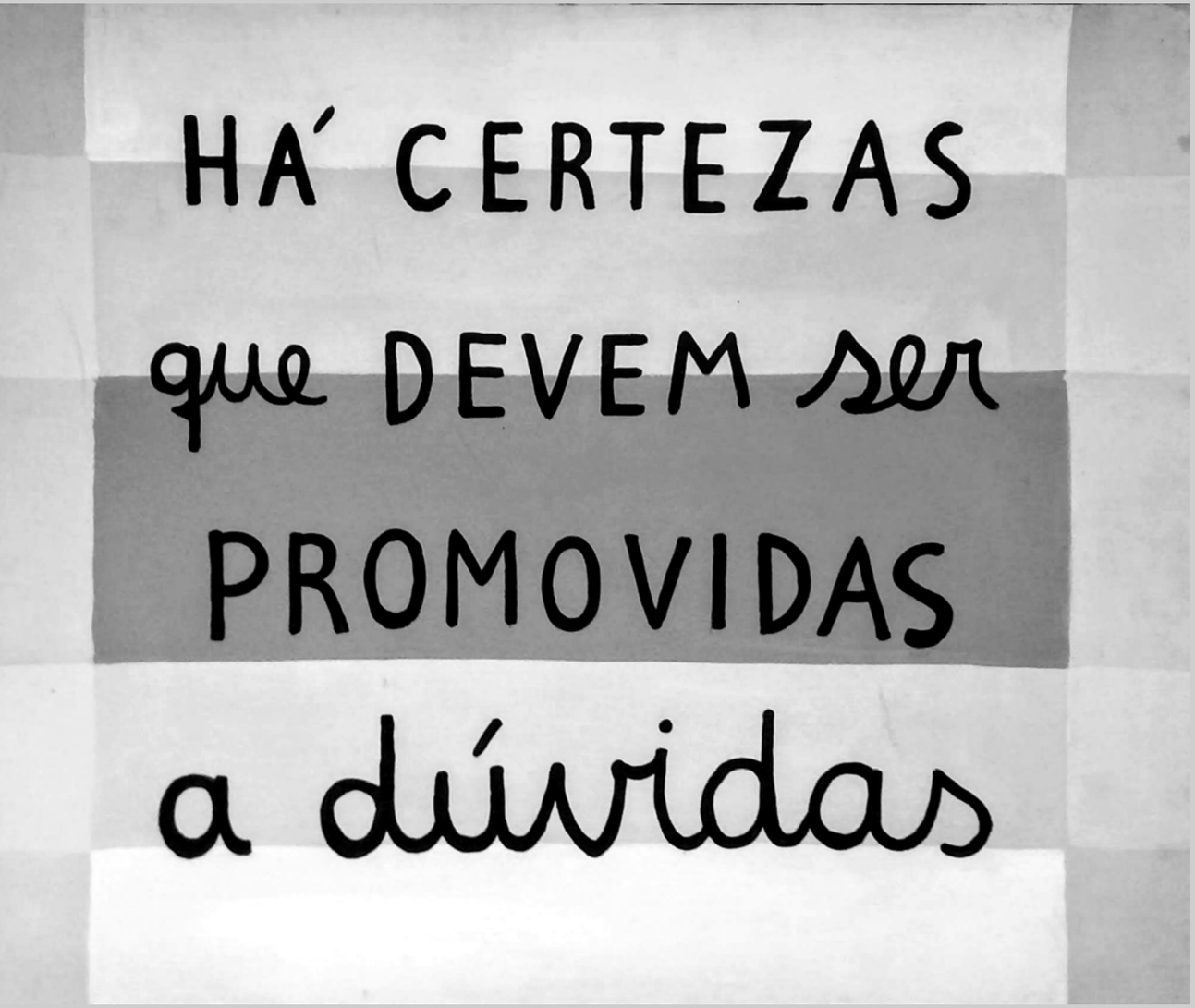
PIXÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 9
ANO 1
DEZEMBRO/2019



EDITORIAL

Eduardo Mahon
Editor Geral

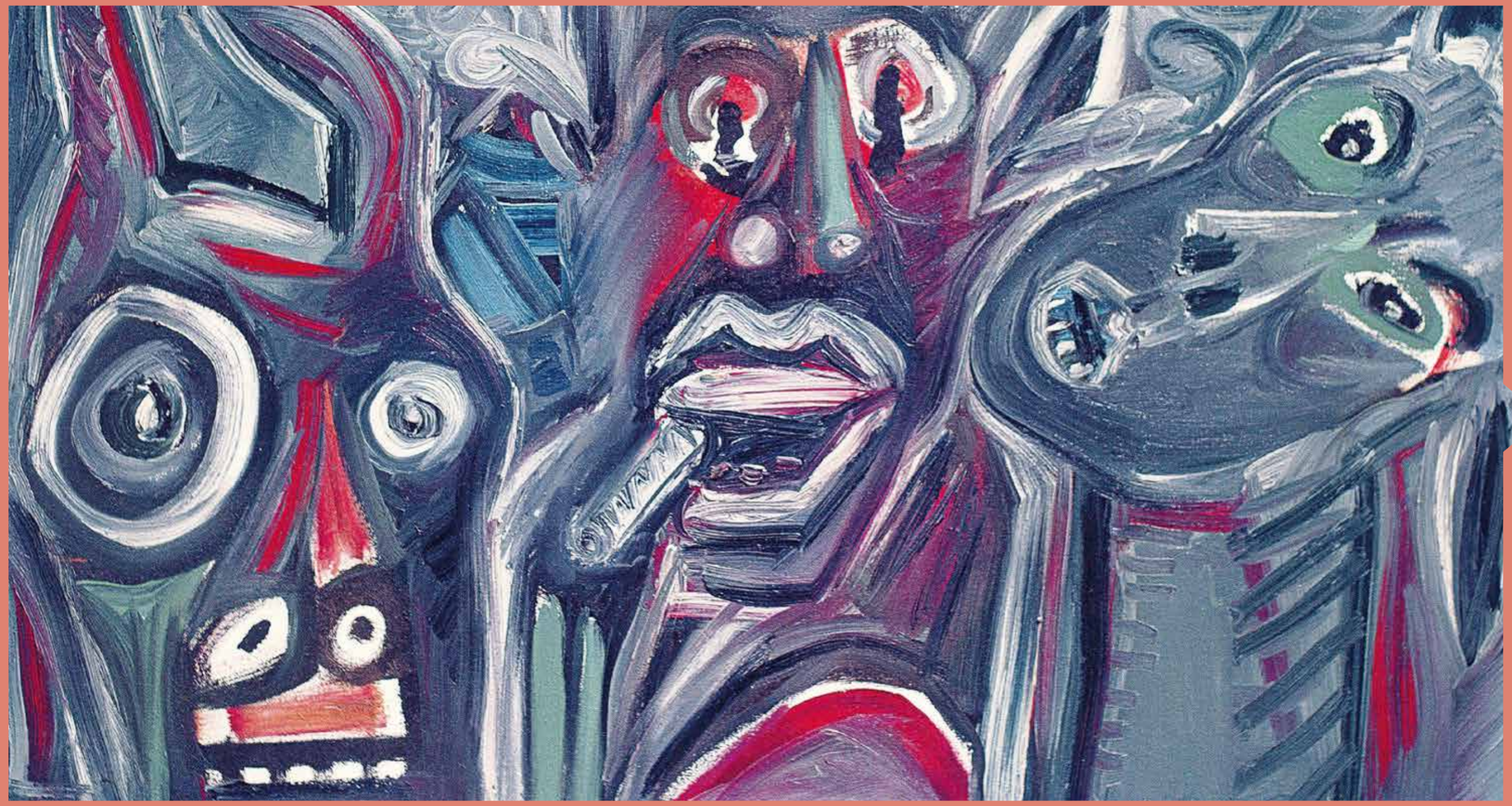
Um fantasma ronda a literatura. Como qualquer outro, o fantasma é passado e não existe. Ainda assim, ocupa um espaço enorme no imaginário literário, assombrando principalmente os críticos. O fantasma do engajamento político é, entre tantos outros rótulos, uma redução empobrecedora na compreensão da arte em geral e da literatura, em particular. Julga-se a obra pela biografia do autor, subordinando o livro à temática política do momento. Há séculos, a arte libertou-se da funcionalidade religiosa, mas é constantemente assediada para subordiná-la à política e a um rol de temas prosaicos e socialmente comprometidos. Por isso, a liberdade da arte está ameaçada. Infelizmente, há estudiosos que insistem em encontrar uma "serventia" para a literatura. Surgem os guetos críticos contemporâneos: negros, gays, mulheres, pobres – pedágios temáticos que se impõe para o reconhecimento.

O autor não é engajado? Não luta contra a desigualdade social? Não se manifesta politicamente? Então, não é um bom escritor. Esse tipo pueril de crítica já fustigou Paul Klee e o grupo Kobra, fez vítimas nas diversas gerações de escritores, incluindo o olhar desconfiado sobre a obra de Tarsila do Amaral. Muitos escritores sofrem com esse tipo de patrulha: de Monteiro Lobato a Manoel de Barros, são criticados pelo que "deveriam ter escrito" e pela forma de escrever ou pelo que efetivamente escreveram. O artista visual desta edição da Revista Pixé – Victor Arruda – é um bom exemplo do ecletismo libertador. Muitas outras vozes se confundem na singularidade de Arruda – Picasso, Schiller, Duf, Saul, Apell, além do grafite de Basquiat, hoje em dia reconhecido como sofisticada expressão artística.

Reconhecer essa influência não faz de Victor Arruda um artista menor. Ao contrário: ao dominar tantas e tão variadas referências, Arruda domina a técnica, mas pretende fugir dela. Se atinge ou não um objetivo político em sua arte, isso pouco importa. O artista, ao compreender a diferença entre o moderno e o contemporâneo, propõe uma arte sem a estruturação científica tradicional, uma expressão que escape ao racionalismo moderno. A emoção é a tônica, um pecado mortal para os críticos engajados que pretendem uma arte igualmente engajada. Mesmo sabendo que a arte pode (e deve) ser abordada pela psicanálise, sociologia, antropologia e outros campos do conhecimento humano, não será a lógica que pautará o intuitivo. Essa escolha pelo rompimento define a arte, mas não a livra dos velhos espíritos historicistas que estão incorporados em alguns intelectuais da atualidade.

O fantasma ideológico sobrevive do preconceito reverso. Os estudiosos abrem mão do julgamento estético para dar lugar à leniência crítica em razão da temática. O texto não é bom ou mau. A obra não é consistente ou fraca. Desparecem escalas e comparações. A literatura resumiu-se apenas em ser útil ou inútil a uma determinada abordagem. Se o autor trata dos dramas relacionados ao determinado nicho de interesse, será ele festejado como socialmente compromissado, ao largo de qualquer apreciação estética. O contrário também se dá: se o escritor não abordar problemas afetos aos guetos temáticos, será expurgado como politicamente alienado. Portanto, a arte resumiu-se a ser valorada do ponto de vista político, como um reflexo da sociedade, com a finalidade de expor e discutir questões sociais para transformá-las.

O que passou a ser valorizado não é a estratégia autoral em tecer uma narrativa, evocando imagens fortes, dialogando com a tradição, propondo novas formas estéticas. Literatura passou a ser um grito de guerra, uma palavra de ordem, um instrumento revolucionário ou semirreligioso de salvação. Quanto equívoco! Aqui na Pixé todos falam e falam de tudo. A revista é legada a olhos sem antolhos, na esperança de que não se resuma a um mero panfleto. Arte não é um ofício. Arte é artifício!



SUMÁRIO

2 Editorial
6 André Siqueira
8 Clark Mangabeira
10 Eduardo Mahon
12 Helena Werneck
14 Klaus Henrique Santos
16 Leonardo Cattoni
18 Lívia Bertges
20 Lorenzo Falcão
22 Lucas Lemos
24 Janet Zimmermann
26 Ewerton Barbosa
28 Lucinda Persona Nogueira
30 Luiz Renato de Souza Pinto
32 Maria Fernanda Martinez
34 Victor Arruda
36 Marilza Ribeiro
40 Marli Walker
42 Marta Cocco
44 Mazé Chotil
46 José Pedro Gonçalves
48 Nyll M. N. Louie-Alicê
50 Odoni Grohs
52 Pablo Rezende
54 Paulo Sesar Pimentel
56 Raí Prado
58 Raquel Naveira
60 Ricardo Carranza
62 Rodrigo Meloni
64 Rubermária Sperandio
66 Samuel Medeiros
68 Walesca Cassundé
70 Anna Maria Ribeiro

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Colaboradores desta edição: André Siqueira, Anna Maria Ribeiro, Clark Mangabeira, Eduardo Mahon, Ewerton Barbosa, Helena Werneck, Janet Zimmermann, José Pedro Gonçalves, Klaus Henrique, Leonardo Cattoni, Lívia Bertges, Lorenzo Falcão, Lucas Lemos, Lucinda Persona Nogueira, Luiz Renato, Maria Fernanda Martinez, Marilza Ribeiro, Marli Walker, Marta Cocco, Mazé Chotil, Nyll M. N. Louie-Alicê, Odoni Grohs, Pablo Rezende, Paulo Sesar Pimentel, Raí Prado, Raquel Naveira, Ricardo Carranza, Rodrigo Meloni, Rubermária Sperandio, Samuel Medeiros, Walesca Cassundé
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba
Artista Visual Convidado: Victor Arruda

SUICIDÁRIO

No pão falido
De cada dia
Livrai-nos do horror
Do país
Que aqui se cria

André Siqueira
É poeta residente em Jacareí, interior de São Paulo. Já publicou poemas em várias antologias, revistas, jornais e sites de literatura. Publicou de forma independente dois livretos intitulados "Quase Ontem" e "As manhãs fechadas". Cursou a faculdade de Letras, porém sem concluir e atualmente faz Pedagogia, além de participar de eventos literários, oficinas de poesia e demais trabalhos.

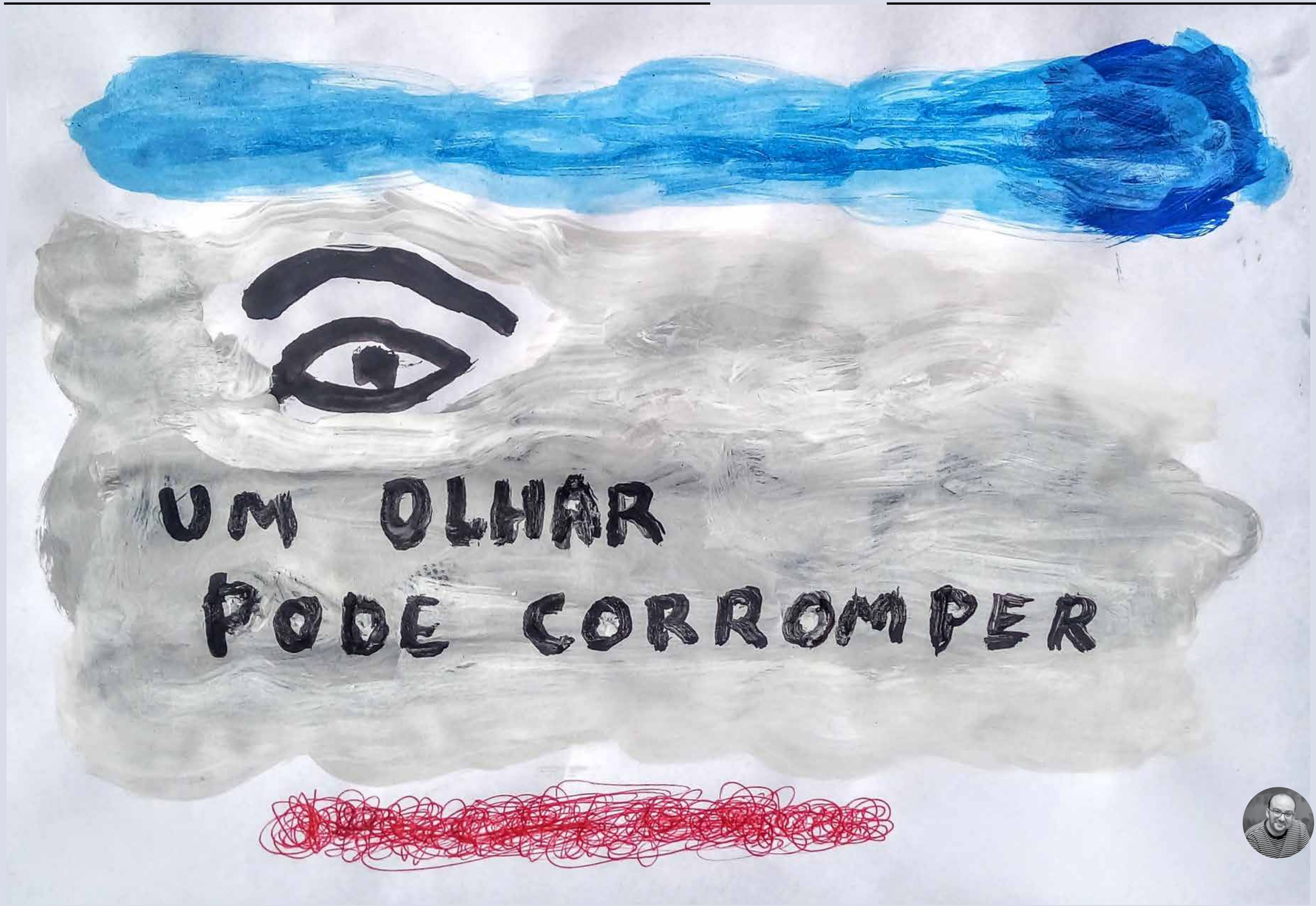
DO OUTRO LADO

A respiração ofegante, o cheiro das rosas embriagando-a, os olhos marejados pela realidade da separação, a dor que subia pelas canelas, formigando o corpo inteiro. Maria não acreditava. Não queria acreditar. Ela chorava baixinho não aceitando o fim, a solidão que rondaria sua vida a partir daquele instante de plena escuridão. A tampa do caixão, à sua frente, confirmava os temores, densos, alcançáveis com um inspirar mais profundo. Sabia que era a hora da despedida, mas como continuar? Como viver, sem todo o resto? José, longe do alcance, já em outra vida, sem ela. José, quem sabe ainda servindo, lá do outro lado, as mesas de um bar parecido com aquele onde se conheceram, enquanto ela, ali, quieta, miúda, lembrando-se das bebidas não lhe servidas, nunca mais lhe servidas. Será que José sofreu? Afinal, ele insistira na caríssima cirurgia, beijara suas mãos, e partiu para esperá-la do outro lado, do lado de lá da tampa do caixão, talvez mais feliz, ela não saberia. Cabisbaixa, por entre dores e lembranças, Maria tentou se mexer, sentindo o despertar da ansiedade crescente, da falta de ar cada vez mais presente, do medo do futuro, dado como certo pela ausência do tudo e do todo.

José?!

Finalmente com a chegada do desespero, arranhou, inutilmente, a tampa do caixão: no escuro, pelo lado de dentro.

Clark Mangabeira
Carioca cuiabano, é doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ e professor adjunto de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Graduado em Direito, Letras e Ciências Sociais, é escritor de ficção, tendo publicado contos e poemas em diversas revistas literárias e acadêmicas, e escreve enredos das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.



Fama
Foto
Filtro
Filme

Faça foco
Faça close
À la carte

Fácil
Foda
Feto
Fralda

Faça filho
Faça missa
Tome parte

Falha
Farpa
Fardo
Fútil

Faça mais
Faça vida
Faça arte

Eduardo Mahon
42, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.

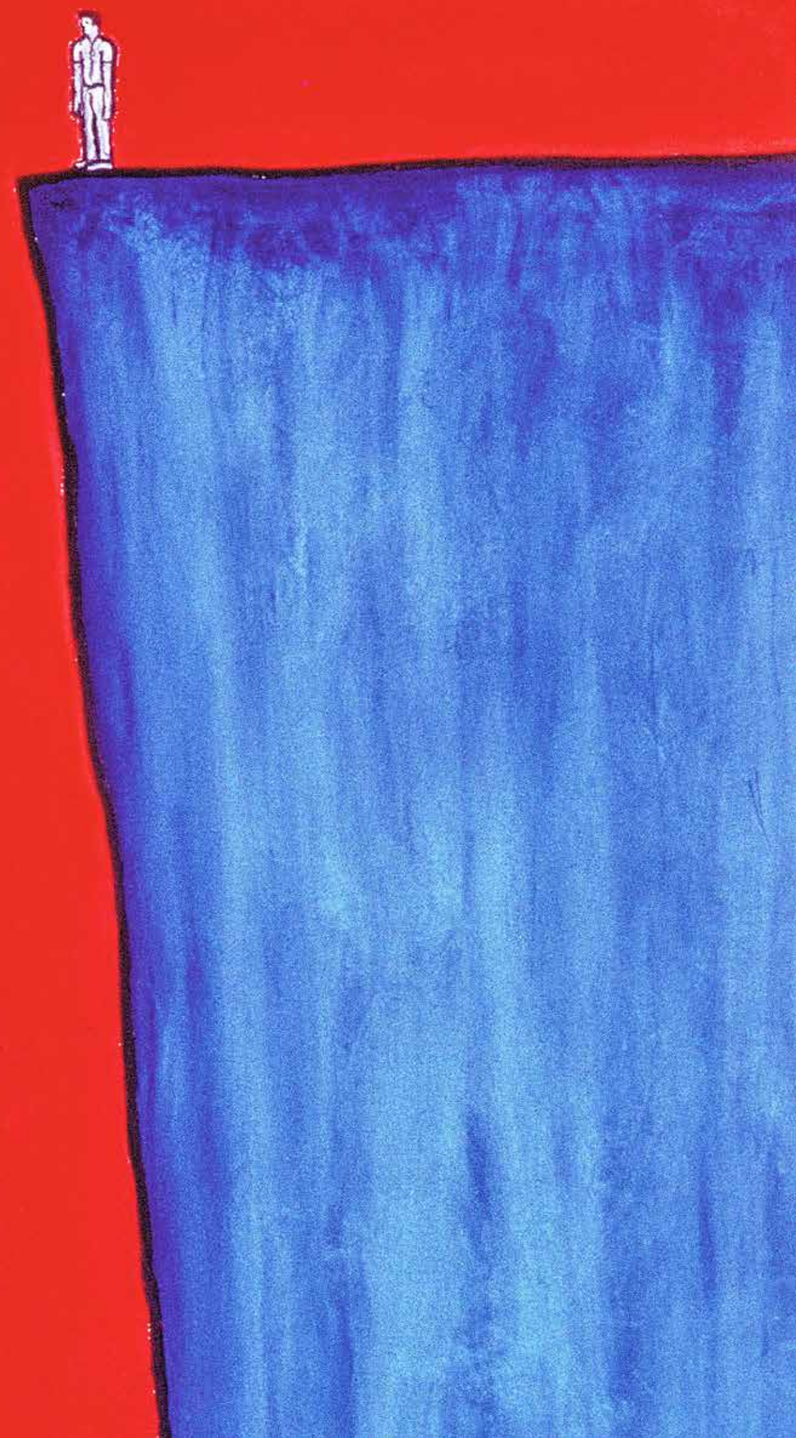
ABISMOS

Um abismo
É um buraco
Que é também um espaço
Que é também um vazio
Que é também uma saudade
Um tempo
Uma ponte
Um abismo é um corte
Reticular e forte
Que também é uma ponte
Por favor não me corte
Por favor não me conte

SANGUE

Sangue
Sangre
Blood
Blut
Sango
Du sang
Bloed
Kan
Kri
Veri
Tantas palavras pra descrever a mesma coisa
Coisa da qual
Nada importa
O amor não vem daí
Vem daqui

Helena Werneck
Cuiabana, formada em Secretariado no IFMT, e vencedora do prêmio de literatura de Mato Grosso de 2017 categoria revelação com a obra de título "Nu".



A LIXEIRA DOS CONTOS MALDITOS

O velho cinzeiro com o emblema do *Campari* estampado nas laterais está transbordando de guimbas. Na escrivaninha, o maço amassado de *Chesterfield* guarda apenas um cigarro, também torto. A embalagem de cigarro é uma aeronave avariada e está em queda, rumando descontroladamente em direção à lixeira repleta de papéis, também amassados. Ao cair ali, o maço desaparece como o avião que Nelson o imagina ser e é sugado pela neve de uma montanha imaginária. Ele é a operação de resgate e sai em busca do passageiro solitário. Algumas baratas fogem pelas frestas da lixeira enquanto revolve os papéis.

Apontadores de lápis ora são drones, ora são helicópteros auxiliando nas buscas. Não demora até que um deles penetre no emaranhado gelado de papéis de neve descartados e localize a fuselagem do maço de cigarros. Canetas Bic quase sem tinta são os braços mecânicos responsáveis por retirar a vítima dali. Ainda não se sabe se está viva. Com muito cuidado, o cigarro amassado é colocado na UTI aérea, uma caixa de clipes. O caso é grave, exige cuidados do médico humano. O cigarro é acomodado na escrivaninha, ao lado de uma garrafa de vinho, uma imensa bolsa de sangue para garantir a transfusão. Minuciosamente, o humano estanca o derramamento de fumo das laterais rasgadas e endireita a coluna. Finalmente é terminada a operação e Nelson pode, finalmente, saborear aquele derradeiro cigarro.

Um vinho barato, degustado vagarosamente em temperatura ambiente, contradição com o calor de Mato Grosso. O elo entre a garrafa e a boca é um copo americano, acostumado ao translado constante de cerveja e café, naquele mesmo trajeto.

A noite era de reflexão. Retirara todos os papéis da lixeira, tentativas vãs de construir contos de ficção. Nelson desamassou o original de "A maldição das profundezas", um de seus primeiros livros a ser recusado pelos doutores da Academia de Escritores Provincianos. O resultado final não dera prazer a quem não era dado a leituras e em verdade, contos de terror eram por demais trabalhosos de serem avaliados.

Ao questionar-se sobre o terror, olhou a estante e as inúmeras obras do mestre Stephen King, empoeiradas e abandonadas há décadas, lembrando prédios cobertos por teias de aranha que bem poderiam ser cabos de eletricidade dos personagens fantasmas.

Nelson comparava o hábito da escrita como o de trabalhar em uma olaria. Nesta fábrica de tijolos, porém, os blocos de argila são imensos e pesadíssimos. O trabalhador empapa-se de suor enquanto junta manualmente as porções de barro para levar ao fogo. Desdobra-se para moldá-lo e esculpir o melhor da própria essência naquele amontoado de terra úmida. O fogo fixa as dimensões e solidifica a certeza do eterno.

O grande bloco, finalizado, é retirado e encaminhado à pilha de outros tantos semelhantes, onde, com esfriar de suas imperfeições, apequena-se. O trabalhador goza de uma saciedade momentânea e, logo, ainda sujo, no corpo e na alma, inicia a confecção de mais um bloco.

Um olhar mais atento talvez diria que a dimensão do bloco, as rugosidades e espessura, representam o ego de seu criador. O resfriar, o diminuir de tamanho seria a decepção, a frustração diante de mais uma obra imperfeita.

Escrever também é saciar a fome em êxtase, empanturrando-se de delícias calóricas. Escrever é ter que vomitar esse alimento que sustentou e deu prazer, e, após o vômito, sentir o vazio da dor de fome e reiniciar o ciclo. Há que se ter cuidado ante o ato de se constatar estar eternamente reiniciando. É um tentador convite para enfiar uma bala na cabeça, apenas por diversão. Apenas pela libertadora diversão.

Jogou as guimbas na lixeira e viu o fogo consumir as montanhas geladas. Desta vez não havia mais sentido em resgatar a morte. Pegou a garrafa para o último beijo. O revólver estava na gaveta. Apagou a luz e contemplou as diminutas brasas do papel se extinguirem por completo. Apenas por pura diversão, disse a si mesmo em pensamento e sorriu para a escuridão.

Klaus Henrique Santos
Reside em Sinop-MT e é membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras (ASCL), nela ocupando a Cadeira 10, cujo patrono é Jack Kerouac. Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo. Publicou Páginas da Escuridão (2012), Enfim, a estrada (2014), Horror & Realidade: contos (Carlini & Caniato Editorial, 2015), No Compasso da Loucura (Carlini & Caniato Editorial, 2017) e A poesia mora no bar (Carlini & Caniato Editorial, 2018).

Leonardo Cattoni
Nasceu em 1980, na cidade de Curitiba/PR. Mora em Belo Horizonte onde atua como tradutor e professor de língua Inglesa. Desde pequeno, por conta dos pais, tem contato com livros que adornavam prateleiras e povoavam criados-mudos. Nunca publicou nada. Escrevia e escreve para si. Escreve, aliás, para não aprisionar o bicho selvagem que corre, caça e ruge nas veias, para não coagular o sangue da imaginação, para não adoecer a sanidade. Escreve para não enlouquecer.

O AMOR

O amor
é o músculo do fraco,
o canino
do banguela,
o manto do desnudo;
bandeira branca
em meio à guerra.

HIATO

Quando
a noite passada
lhe rouba o dia inteiro,
penetrando
nos passos apressados do tempo
um só momento.

CLARICE

Quando eu leio
Clarice,
parece que Clarice
me lê.

MINHA BIO

Altura: nas nuvens
Peso: alguns romances a mais
Olhos: abertos
Religião: Deus
Esquerda ou direita: siga em frente!
País: meu quarto
Mulher bonita: inteligente
Partido político: eu, inteiro
Sexo: cereja da vida
Política: semente do homem
Literatura: francesa e/ou russa
Escritor: o que proporciona leitura fácil. É muito difícil escrever fácil
Música: a que me toca
Banda: a de cá
Paixão: instrumento que afrouxa e aperta parafusos e porcas da gente
Amor: paixão amolada
Uma boa referência: a que não existe
Um sonho: todos realizados
Animal de estimação: o que late
Uma palavra: amor-e-ódio

EU-...

Suspensão após tombos.
Geometrias básicas,
Cada base é cintilante,
macia e elástica.
Colidem no rodopiar.
...
Os triângulos
Viram e mexem
Saltam em arranque
Com velocidade
Atiram-se na pontaria
daquele eu-rolante,
força nas perpendiculares
força cerrada nas laterais
da forca de dedos pontudos
nas superfícies em orifícios,
dois ou três,
Correndo pelas tábuas lisas.
...
Os círculos em queda,
em quantos graus?
eu-troncho
traço rota,
quebro membro.
Jogo o corpo.
Corpo jogado.
Rolado,
Percebe o chão.
Sorriso roxo.
...
Retângulo cortada, em dois ou três,
Vida embaralhada,
roda em transe, troca e trinca.
Voa, veste a sentença:
Planar desalento de articulações.
Eu-ponto-de-partida no
caderno por colorir.
...

Nós, peças do oculto cálculo,
quadrados em exame.
Cada estabilidade,
eu-recosto, eu-encosto.
Em seguida, dobro em partes,
O êxtase nos barulhos cortados.
Prevejo o ataque de frente.
Eu-sempre-utensílio,
Agudo, frouxo no
Frêmito do novo design.

Lívia Bertges
(1987, Juiz de Fora – MG) É doutoranda em Estudos Literários (UFMT) com estágio sanduíche na Sorbonne Université (Paris, França). É mestra em Estudos Literários (UFMT) e em Langues et Cultures Etrangères (Université Stendhal). Publicou artigos e poemas em revistas, antologias e sites. É editora da revista literária Ruído Manifesto.

Lorenzo Falcão

"Nasci inexplicavelmente para ser poeta", reconhece Lorenzo Falcão na breve biografia que acompanha "mundo cerrado" (assim mesmo sem maiúsculas por opção do autor). "O cerrado é meu lar e a poesia, o meu mundão sem porteira", conclui o jornalista, que nasceu em Niterói (RJ), mas cresceu em Mato Grosso, "entre barrancos, pedras e sombras", e trabalha há muitos anos como jornalista na área de cultura.

MALA DE VIAGEM

Sim, viajar é mala. É mala uma vez que requer mala. E mala é coisa ruim de se carregar. Tanto, que tem gente mala. Mas viajar é também demais de bom, de tão necessário que é a gente trocar de ares, de geografia, e de se sentir forasteiro. Estraçalhar a rotina que nos persegue em nossa casa e na cidade onde vivemos.

As viagens são muitas e surgem em nossas vidas implorando para serem aproveitadas ao máximo. Viajar é a sobremesa, se o amor for mesmo a refeição da vida, conforme um ditado lá de Singapura.

("De que lado o senhor costuma usar a mala?". Pergunta feita por um alfaiate, tempos atrás, aqui mesmo em Cuiabá, enquanto tirava as medidas de um senhor, pra fazer-lhe uma calça alinhada. Mas a mala em questão aqui é outra.)

Se pelo menos quando a gente viajasse as nossas malas fossem que nem essas de filmes e de novelas, que vemos em telinhas e telões, onde não há o menor interesse em passar a ideia de que as malas pesam... Se fosse assim, as viagens seriam infinitamente melhores.

Pior do que a mala, ou igual, no quesito estorvo, é o tempo que você fica esperando as malditas aparecerem naquela esteira dos aeroportos. E o recorde problematizador dessa bagagem é quando ela é extraviada. Aí sim, atingimos ao clímax.

Mala extraviada é acontecimento que já virou até programa de televisão. Particularmente, nunca me aconteceu, mas aconteceu com meu irmão, o Laércio. Ao chegar em Paris, certa vez, deparou-se com o sumiço da sua e, claro, partiu para as reclamações. E quando você perde a mala num país onde não domina a língua, reclamar pela perda é uma complicação muito maior. Você fica a um passo de perder a cabeça, após perder a mala.

Não sei bem como terminou a coisa e acho que não recuperou a mala, tendo que, ao final, ouvir um conselho nada educado do funcionário do aeroporto: "Aprenda melhor a falar o nosso idioma", disse-lhe o sujeito, esbanjando aquela 'simpatia' comum dos franceses.

Já houve um tempo em que eu nutria mais as esperanças de que o destino, numa viagem, me propiciasse viajar agarradinho, com os braços enlaçando algo que assim o exigisse. Essas coisas que adoçam a vida e fazem bem pra nossa autoestima.

Já passei por isso. Já recebi essa distinção do destino algumas vezes, de conviver com uma companhia de viagem que despertasse meus interesses de viajar abraçadinho etc e tal. Mas só bati na trave, nada aconteceu, de fato, além da tagarelice.

A única vez que viajei atracado e abraçadinho, improvisadamente, não foi com alguém. Foi com algo. Um baita vidro de doce de caju em calda, que devia pesar uns 15 quilos e que não pude despachar como bagagem, porque me chegou em mãos já no aeroporto, quando já havia feito o check-in. Quero ver não levar encomenda/presente pra mamãe!!!

E chega. Não vou esticar mais esta crônica de viagem. Ainda tô preparando a lista de encomendas que nós, povos cuiabanos, temos que levar pros cuiabanos desgarrados. Paçoca de pilão, farinha da boa, doces, banana verde frita, pequi, francisquitos, rapaduras e outros badulaques do folclore gastronômico desta terra caliente.

Em meados de dezembro embarco para o Rio de Janeiro, onde vivem meus pais, irmãos e sobrinhos. Mas tenho escala em São Paulo, onde fico com minha filha e genro. São mais de dois mil quilômetros de chão a sobrevoar. Eu e ela, a mala.

Já estou me vendo chateado dentro do avião, naquele exato momento em que a aeromoça diz: "aproveitem o nosso voo". "Aproveitar como, sua cretina, encaixotado entre o espaço ínfimo das poltronas com 1,90m de estatura!". É o que me dá vontade de dizer, mas convém ser hipócrita em pelo menos metade de nossas vidas. Por que a sinceridade, já viu né...

Feliz da vida com a viagem, mas ainda tendo que enfrentá-la fisicamente. Com o passar dos anos, novidades indesejadas vão se enfileirando nas reações do nosso corpo. Às vezes fico meio ensurdecido num dos ouvidos. Mas não padeço do mal do medo de viajar de avião e nem gosto dessa música do Belchior. Também não sofro de enjoo e nem careço de dramin. Se não fosse assim, ai meu saco... meu saquinho de vômito.

Lucas Lemos
É nascido em Juína-MT. Fotógrafo, acadêmico de Letras na UFMT, ator e diretor no Cena Livre de Teatro. Lançou de forma independente, em 2019, seu primeiro livro de poesias, "Nossa Alegria Triste".

QUIMERAS RADIOATIVAS

O que é a nossa luz colorida
Se não um inalcançável sonho?
Uma vida larga
Congestionada sob o giro orbital dos satélites?

O que é essa cor
Se não reflexões infinitas reflexões?
Uma dança de rua
Onde ironicamente girando a gente bota o corpo
pra dar e pra vender
pro que der e pro que vier

Do que sei é que
Me acertou em cheio a ideia prática da realidade
Fecundado
Espírito radial
Com seu cheiro de terra aguada
Quando desceu a beiro do abismo chuva naquele chão

Já agora, tão cedo e nessa enorme luta-cidade
Não mais naquela do interior mato-grossense
Liquidez
Desilusão explodida pela ausência das árvores
Uma nuvem já não se enche mais de água

Nessa capital nada é como lá
Não tem a ponte que me levava
pra chácara do vô Chico
Ouvir histórias de suas viagens pra Bolívia
Lá sim o delírio era possível
Nessa capital, o tempo não se sustenta
Nessa capital a gente vive de piedade
Enquanto engole sirenes de
ambulâncias desgovernadas
Fumaça enquanto anda na rua
Gases que nos tornam mais brasileiros
entorpecem mulheres, homens e aves

Constam nos dados oficiais:
está também escrito nas estrelas
essa vida-modelo que a gente
nesse
espaço vive
é indefensável
ou contar de uma só vez: percebe que é

A LUA

se insurge
bisolha
entra pela fresta
roça meus cabelos
inunda-os
e se derrete
no meu travesseiro
que susto bom! sussurro
no ouvido dela e ela
telepática/mente
canta tom jobim
sol pra mim
enquanto vênus
vela ela e eu
o resto é breu
& brisa
de prateada poesia
respiro fundo
pra não desperdiçar
o perfume da paz
deleitosamente
invasivo
e não durmo
prego o olho no olho
da bela das belas
na tentativa de ler
a fidelidade mais fiel
da terra
e só vejo amor
derramando-se em luz
dádiva
que só arreda facho
pra urinar
no penico-mar
do singular pluralizado
vinicius de moraes
toda a guarda me comove
a ponto de pranto
guardo o exemplo
e a admiração
e volto ao sujeito
desta verídica ilusão
e a vejo
num sono pesado...
ao meu lado!
como se nunca
houvesse dormido
silencio
sou vela da vela
da terra
estou estrela
do bom pastor
do lado
de cá
da janela

Janet Zimmermann
É natural de Catuípe (RS) e mora em Campo Grande (MS). Tem, publicados, dois livros de poemas: "Asas de JIZ", Editora Life (2013) e "Pétalas Secretas", Editora Patuá (2016), com o qual venceu, em 2017, o Prêmio Guavira de Literatura. Dentre as várias antologias que participou, destaca: "As Mulheres Poetas na Literatura Brasileira"- Volume II, coletânea em e-book, criada, organizada e divulgada pelo poeta Rubens Jardim.

Everton Almeida Barbosa
É filho de nordestinos vindos da região rural da cidade de Pombal, no sertão da Paraíba, para Cuiabá na década de 70. Vive em Tangará da Serra/MT. Nasceu em Cuiabá e se especializou em Literatura, desde a graduação e mestrado na Universidade Federal de Mato Grosso, até o doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais, sendo professor de Literatura na Universidade do Estado de Mato Grosso desde 2006. É também músico. Foi instrumentista e diretor musical da Cia. de Teatro Mosaico (Cuiabá) e membro do grupo vocal Candimba (Cuiabá). Hoje coordena o projeto Corpo & Cordas, de música, poesia e contação de histórias, na UNEMAT em Tangará da Serra.

ANTÔNIO CASSIMIRO

Cassimiro apaga fogo no mato
só com reza e bendição
palavras líquidas
jorrando da boca do santo
porque só santo apaga fogo sem água.

Cassimiro estanca jorro de sangue
c'olho fechado e oração
palavras médicas
contendo a alma que insiste
em sair de sua prisão.

Cassimiro é santo
é virgem dedicado
apaga fogo natural
e sangue provocado.

Cassimiro é santo
anda com seu livrinho
de reza que corta sangue
de reza que apaga fogo
riscado no caminho.

O povo diz crente
que em terra assim tão seca
só santo é que apaga fogo
e Deus que protege a gente.

Porém pra fogo do corpo
pra fogo que esquenta a alma
nunca chame Cassimiro.
Pra sangue fervido no peito
na caldeira do coração
não existe rezação
nem todos os santos dão jeito
é Deus sozinho que apaga.

Santo é Cassimiro
Preto como a noite mais clara que um dia!

Santo é Cassimiro
vestido de cassimira.

IGUARIAS DE UM BANQUETE

Sempre haverá algo de surpreendente e também algo de revelador na constelação das lembranças que compõem o registro de uma vida. Não há quem, em vários pontos do caminho, não pare e não olhe para trás. Não há quem não repare no outrora. De fato, a memória é uma dimensão fabulosa, com liberdade suficiente como para deter-se a qualquer hora ou em qualquer ponto da jornada e saborear o tempo que passou. No horizonte das recordações, as horas gravitam ao redor do íntimo levando ao resgate e ajuste de contas com a fugidia realidade.

Assim acontece em *Passado a limpo* (Carlini & Caniato, 2018) de Icléia Rodrigues de Lima, cuja memória opera como um foco de produção, acionando lembranças. Esse exercício de recaptura é feito na esteira da crônica, consistindo em desvelar estranhamentos e vivências, conjugando essência, humor e lirismo. Ao abrir o livro, depois de um olhar atento às cores do arco-íris na imagem Shutterstock da capa, ao folhear cada breve crônica e mergulhar no âmago de cada petisco, somos de pronto fisgados e invadidos por uma variedade de sensações que vão de doçuras a alvoroços.

Em que pesem atmosferas inquietas, indubitavelmente, a escritora alegrou-se escrevendo este *Passado a limpo*, pois de outra maneira não se explicam a leveza e o júbilo que fluem através dos textos todos, de modo constante, tornando a leitura uma cativante experiência. Nos enxutos relatos, o sentido afinado e a grandeza da proposta vão aos poucos se estabelecendo por um estilo natural e límpido, por uma busca das imagens puras. Entre simples e requintada, a autora recria fatos e lugares da paisagem natal. É poderosa a presença da infância e da família: mãe, pai, avós, tios, irmãos, primos. Ingredientes acenados no início do primeiro texto quando escreve: “Revolvo as memórias mais antigas e nada encontro apartado de família, de escola e de igreja”.

As evocações reunidas na obra reproduzem histórias reais, ações com as quais nos identificamos, acontecimentos com os quais interagimos. Os cenários, a exaltação da vida e a matéria humana esplendem numa prosa em que a crônica é parecida ou tem muito de um conto em sua estrutura.

É uma prosa quase física. Uma prosa do olhar. Olhar a casa remota quase em silêncio ou então o mundo, quando a alma se enlaça a cada detalhe. É uma prosa do ouvido, a escutar tudo: rumores, reprimendas, comandos ou o “murmúrio dos adultos num quarto fechado”. Uma prosa do olfato que faz “experimentar algo de embriaguez” provocada pelo jasmim, ou “um aroma de alegria” com o “pudim roceiro de fim de ano”. É ainda uma prosa da recordação tátil, ao levar “um tapa com as costas da mão da mãe” que a fez cair para trás. E é festivamente uma prosa do paladar, a exemplo das “jambochas” que frequentaram seu passado catalano, em Goiás, tidas como “uma orgia do sabor”. As brevidades feitas pela avó são descritas numa receita portentosa de “claras em neve” e “fitilho de casca de limão”, expressões que flertam abertamente com a poesia.

Importa acentuar que nos textos vêm à baila, amiúde, elementos sensoriais, vigentes através do tempo, capazes de alcançar os sentidos do leitor. As imagens são tão estimulantes que oferecem um exercício de plena satisfação estética. É o que se verifica quando a autora escreve sobre a avó Ritinha: “Ela fritava toicinho e tinha latas de banha branquinha, que cheirava muito quando fritava o alho para assustar a couve para guarnecer o Tutu”.

“Assustar a couve” é de uma propriedade magnificamente sugestiva dos estertores da verdura na banha quente. É uma verdadeira viagem através da metáfora oferecida por essa voz consciente do poder e do arranjo das palavras. O que se verifica é uma escrita dos matizes, da agilidade verbal, da delicadeza, do fluir límpido “e que tais” – só para repetir uma expressão frequente no apetitoso universo semântico de Icléia Rodrigues de Lima, quando não quer usar o etc.

Visitar esse *Passado a limpo*, demanda caminhar por suas veredas com zelo e agudeza, pois a cada passo pode ser divisado algo extraordinário florescendo. As crônicas são tecidas com esmero, desenvoltura e sem rodeios, valendo dizer que mais parecem iguarias de um banquete e, como tal, merecendo vagarosa degustação/leitura, além de releituras pelo que avulta de gulosa paixão pelo sublime cotidiano gastronômico, seja nas “quitandas de domingo” ou no “doce verde-claro de laranja, transparente, com a imissão negra e inesperada de algum cravo aqui e acolá”. A menção desse doce com sua especiaria aromática flutuando na calda, dispara sensações e faz transbordar a alma. Os elementos culinários, servidos com graça e generosidade, fazem de *Passado a limpo* um cardápio indispensável para todo conviva que se alimente da linguagem impregnada de sentido.

Lucinda Nogueira Persona
É escritora, poeta, professora e membro da Academia Mato-grossense de Letras. Nasceu em Arapongas, PR, e vive em Cuiabá, MT. Estreou na poesia em 1995 com o livro Por imenso gosto. Publicou, entre outros: **Ser cotidiano** (1998), **Sopa escaldante** (2001), **Leito de Acaso** (2004), **Tempo comum** (2009), **Entre uma noite e outra** (2014) e **O passo do instante** (2019).

Luiz Renato de Souza Pinto

Em 1998 lancei meu primeiro romance, "Matrinchã do Teles Pires", agora em segunda edição. Nele trato da colonização do norte de Mato Grosso por colonos do sul do país, ao longo da ditadura militar. Em 2014 publiquei um segundo volume sob o mesmo tema, intitulado "Flor do Ingá", desdobrando a aventura e apresentando o cotidiano de um casal que se conhece em Londrina, Paraná e vem para cá também. "Xibio", de 2018 completa a trilogia amazônica, destacando a vinda de nordestinos para garimpos de diamante em Mato Grosso e Goiás. Publiquei "Duplo Sentido" (crônicas), em 2016, em parceria com o poeta pernambucano Carlos Barros e no ano seguinte fui contemplado com o Prêmio Mato Grosso de Literatura na categoria poesia, com o livro "Gênero, Número, Graal".

À MEIA LUZ

O projeto Arte da Palavra, do Serviço Social do Comércio (SESC) tem apresentado ao público cuiabano alguns dos artistas da palavra mais atuantes do momento. Desde o primeiro ano do projeto, 2017, já recebemos a visita de muitos, dentre os quais Cézar Tridapalli, Carol Bensimon, Cida Pedrosa, Adri Aleixo, Joca Terron, Marcelo Maluf, Maurício de Almeida, Jacques Fux, Cidinha da Silva, Daniel Galera, Melanie Peters, Ivana Arruda Leite, Fabrício Marques, Luís Geisler e Tércia Montenegro, dentre muitos, mas muitos outros.

A cearense Tércia Montenegro esteve com a gente no Instituto Federal de Mato Grosso e também na UFMT, em fala com alunos de graduação, mestrado e doutorado do PPGEL, contactados pela professora (e escritora) Divanize Carbonieri. Na oportunidade falamos bastante sobre seu livro "Turismo para cegos", publicado pela Companhia das Letras e que foi fruto de muita observação e empirismo por parte da pesquisadora. Tércia é professora da Universidade Federal do Ceará (UFC), onde patrocina balbúrdias linguísticas para dar conta de suas atividades acadêmicas.

Quero falar de seu novo livro, "em plena luz", também pela editora paulistana da qual integra o plantel. Penso que nessa obra a cearense toca em questões profícuas da contemporaneidade, quer seja o falso binarismo amor/sofrimento, o cotidiano parisiense à margem dos atentados políticos e ou terroristas. Destaco também a luminosidade da capital cearense, tão próxima à linha do Equador, não fosse pela distância, semelhanças climáticas com a nossa Cuiabá. Há ainda espaço para algumas subjetividades. Começo pelo dualismo sugerido - AMAR OU SOFRER? - do qual destaco uma citação:

> Parece que o sofrimento é uma espécie de animal preparando o salto. Ele ainda me ronda, está aqui e lá, como uma reverberação, e se deixar ele cresce, cresce até virar um tumulto, barulho de pratos, louça espatifando-se, motores ligados, sirenes, explosões. O sofrimento é essa trouxa sonora que desaba se me aquieto. É preciso se proteger (MONTENEGRO, 2019, p. 17).

Gostei dessa imagem da trouxa sonora. Fico a imaginar um pano grande dobrado, cheio de utensílios que produzem sons e ruídos em conformidade com a harmonia dos sentidos em orquestração linguística a que daria ritmo. E tudo isso em Paris, essa cidade luz, e que já FOI FESTA UM DIA:

> A repercussão dos atentados amanheceu forte. Em Liège, cidade de velhos, a polícia se postou em duplas nas esquinas. Mas em Bruxelas seria pior – desde que se cogitou que Salah Abdeslam ali se escondia, o Molenbeek virou território de espionagem, com o pânico se ampliando para outros bairros. Mas essas são notícias recentes, que me influenciam sobre o passado, fazem com que eu perceba detalhes que invento (idem, p.42).

Luz, cidade luz, faróis que iluminaram a liberdade, ainda que tardia, do novo mundo. Mas que agora requer luz própria, sob a égide de uma decolonialidade atroz. Talvez venha daí a força de um CEARÁ como luzerna: "Fortaleza tem uma luz incomparável, dura e branca, chapando as figuras, que reverberam entre as sete da manhã e as quatro da tarde" (idem, p. 46). E desse meio ardente, pictórico e panegírico percebo que o romance traçado nas entrelinhas destaca certa "iluminação [que] preenchia o espaço com esse dourado fosco, o mesmo de que é feito o meu vibrador" (idem, p. 60). Pareço ouvir com meus próprios olhos o discurso interior da personagem: NÃO SEI SE AMO, OU CAIO:

> Caio não estava ali para me entrevistar sobre um relacionamento passado, e sim para ver o que eu fazia em matéria de arte – mas finjamos que ele é um amigo, não somente um jornalista, mas um jornalista-e-algo mais. Caio parece adivinhar minhas pretensões. Agora que entramos, senta-se na única poltrona que existe na sala, enquanto me acomodo na banqueta em frente à pia da cozinha (idem, p. 80).

O ser de luz que atenta contra a sombra de seu vulto. ATENTADO: "E se a memória existe, Caio não é somente um modo de fazer ficção, eu direi que ainda pareço viajar. As vitrines deste café onde estamos me levam de volta a um restaurante em Liège" (idem, p. 134). O ser e a ficção do próprio ser; ou não ser. "Aquela presença persistiria como uma silhueta sobre o chão. Mas por enquanto Caio continuou fazendo círculos. Eu via o seu sorriso em plena luz, às três da tarde" (idem, p. 153).

Depois da cegueira do turismo agora, às claras, com a revelação de um atentado à própria escrita no corpo insano que viaja no tempo. Tércia Montenegro, com sua diegese milimétrica, brinca de minimalismo com palavras sérias. Parece um quebra-cabeça com a própria língua. Mil e uma peças de artilharia e um público alvo imenso, para não desperdiçar munição alguma.

Mãos para o alto. Pegue o livro rapidamente. Assim, com as duas mãos. Não olhe para trás. Fixe o olhar ao que as palavras dizem. Atentamente. Vire as páginas bem devagar, acomodando os advérbios em seu tempo presente. Saboreie cada enunciado. Isso. Devagar. Sua vida deve estar por um fio. Assim. Isso mesmo. Um fuso e sua roca. Cuidado com os dedos. Penélope não costuma dar ponto sem que haja nós.

REFERÊNCIA

MONTENEGRO, Tércia. **em plena luz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Maria Fernanda Martinez
tem 19 anos. Mineira, natural da cidade de Passos. É estudante de Letras – Português/Inglês na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e pesquisadora bolsista pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológica (CNPq), na área de ensino de poesia e teoria da literatura. Completamente apaixonada por Manuel Bandeira e pelos poetas contemporâneos. Escreve esporadicamente, em seu blog "Silhuetas de Vênus". Essa é sua primeira publicação em uma revista literária.

POEMA DO FIM

captar o instante
pois somente
o
instante

de Clarice
ou Domeneck

captar o momento exato
da jorrada
do seu gozo

dentro de mim

quentura e espanto

não
não aquele de Clarice
nem de Domeneck
porque aquele antecedeu
e o que antecedeu não pode aparecer
no
ato

não se capta referências

é

não há possibilidade de futuro
não há possibilidade de amor

porque nada há

e se nada é
se nada há
o ato
aqui
e o fim

então morra essa noite
te deixo morrer
apenas essa noite

dentro de mim

Victor Arruda
Artista Convidado

BIOGRAFIA

PRINCIPAIS EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

• Galeria Anna Maria Niemeyer – Rio – 1981/85/89/95/99/2005/2010
• Escola de Artes Visuais do Parque Lage – Rio – 1986
• Studio D'Arte Giuliana de Crescenzo – Roma, Itália – 1988
• Galeria Subdistrito – São Paulo – 1992
• Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – 1993
• Galeria Camargo Vilaça – São Paulo – 1998
• Paço Imperial – Rio – 2000/2008
• Galeria Amarelo Negro – Rio – exposição: "A Respeito da Corrupção" – 2009
• Oi Futuro Ipanema – Rio – 2015
• Galeria Artur Fidalgo – Rio – exposição: "TRANS" – 2015
• Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – Retrospectiva – 2018

Principais exposições coletivas

• Salão Nacional de Arte Moderna – 1976
• Salão Nacional de Artes Plásticas – 1985
• "Transvanguarda e Culturas Nacionais", Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – Curadoria de Achille Bonito Oliva – 1986
• "The Exchange Show: twelve painters from San Francisco and Rio de Janeiro", Yerba Buena Gardens Center for the Arts – San Francisco – EUA – 1994
• "Brazil Images of the 80's & 90's", Art Museum of the Americas – Washington – EUA – 1994
• "Onde está você, Geração 80?" – sala especial, Curador Marcus de Lontra Costa – CCBB, Rio – 2004
• "O Corpo na Arte Contemporânea Brasileira" – Itaú Cultural, São Paulo – 2005
• "Um caminho" (Homenagem a Anna Maria Niemeyer) – Paço Imperial, Rio – 2012

PAINÉIS

• Convidado por Oscar Niemayer realizou dois painéis para o Memorial da América Latina, São Paulo.
• Realizou, em 2002, painel cenográfico com 280 m² para a Companhia de Dança Déborah Colker.

OLHOS DE CORUJA

Olhar penetrante...
coruja atenta...
relâmpago atravessando
a noite serena
as folhagens verdes
riscando o espaço
tocando profundezas...
Olhos cintilantes
vigiando caminhantes
controlando os distraídos
coruja, na sombra da noite
nestes tempos dos perdidos...
Alerta olhar
embrulha a paisagem
encara o estranho atentamente.
Olhar que interroga
perfurando ilusões
no poço dos silêncios
e das mutações!

Marilza Ribeiro
Nasceu em Cuiabá, em 27 de março de 1934. Graduou-se em Psicologia, pela Faculdade de Ciências e Letras São Marcos, em São Paulo - SP. Foi presidente da Associação de Mulheres de Mato Grosso. É escritora e desenhista. Foi homenageada na Literamérica (2006), em Cuiabá-MT. Diversas vezes premiada, publicou seis livros de poesia e possui mais cinco inéditos.

PRIMAVERA EM MIM

Perfume e cor vegetal
espalhando encantamentos
pelos jardins iluminados
dos espaço das terras e do vento...
Natureza – mãe
gentileza e força a romper
pelos ramos, frutos e raízes!
No tempo das estações
Onde as mudanças eclodem
transformações... esperanças...
na Primavera que move
ventanias ou leves brisas
nas danças dos movimentos.
Claridade que recobre
tantas cores renovadas.
A lua também que veste
de prateado os jardins
Alegria abençoada
sonoridade e magia
nos cantos da passarada
renovando os corações
e as risadas da vida

FUNERAL

quando menina (quase adolescendo)
designaram-me a tarefa de matar

a galinha escolhida deveria ser morta,
escaldada, depenada e destroçada
(crescer no interior exige
disposição para certos rituais)

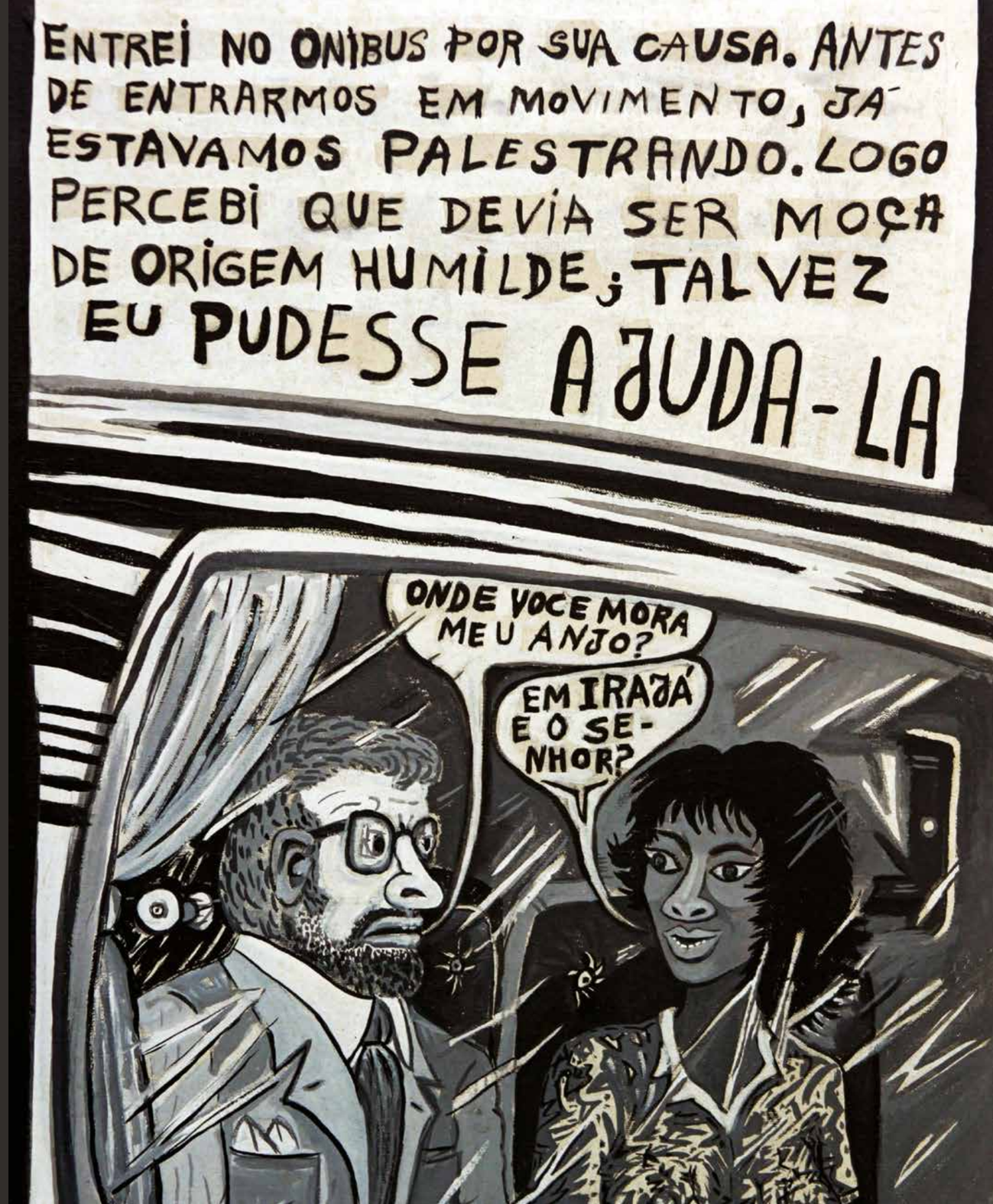
ao final, restos mortais na travessa
aguardando os devidos temperos
e o apetite do pequeno bando
(cada membro da família
guardava predileção por
um membro da galinha)

eu, sozinha a um canto da mesa,
engolia em seco o gosto do espanto
o olhar aflito da ave
o bico semiaberto
um leve fremir de asas

(um assassinato premeditado requer
alguma frieza que eu ainda não tinha)

ontem, sobre a mesa da cozinha,
estrangulei um amor
(há sempre algum espanto
na execução de certas tarefas)

Marli Walker
É poeta e professora (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso). Integra o Mulherio das Letras/MT - Coletivo Maria Taquara. Publicou os livros de poemas "Pó de serra" (2006), "Águas de encantação" (2009) e em 2016 lançou "Apesar do amor", selecionado pelo MEC para o PNLD.



O rei está nu
Tuas palavras
ásperas e laminadas de mentiras
vestem os fatos e os corrompem....
E meu silêncio - escudo de sílabas tortas –
ouve e ignora, és letra morta.
Dou-te as costas, sigo em frente
intuindo o nascedouro da estrela
e não o poente.
Estás só, arrogante e firme
com seus vereditos e infâmias.
Não reverbera teu nome na rua
pois plantaste, com água e adubo,
o grão do esquecimento
e minguará pelos anos a colheita:
palha seca e algum enfastiamento.

Marta Cocco
É natural de Pinhal Grande-RS, formada em Letras, doutora em Letras e Linguística, professora de Literaturas da Língua Portuguesa na graduação e na pós-graduação da UNEMAT-MT. Faz parte do grupo de pesquisa LER: Leitura, literatura e ensino – UNEMAT/CNPq. Ganhadora de vários prêmios literários, já publicou cinco livros de poemas (Divisas, Partido, Meios, Sete Dias e Sábado ou Cantos para um dia só), dois de crítica literária (Regionalismo e identidades: o ensino da literatura produzida em Mato Grosso, Mitocrítica e poesia), um de contos (Não presta pra nada) e, com este, três infantis (Lé e o elefante de lata, Doce de formiga e SaBichões).

NA VIRADA DO TEMPO

Os fios brancos, curtos, são maioria naquela cabeça pequena de olhos vivos. Na nossa conversa ela passa do francês para o português com um leve sotaque caloroso. Esteve no Brasil e na América latina inúmeras vezes. Quanta solidariedade não prestou aos diferentes povos do nosso planeta? Sorriso largo, maroto, tem um jeito particular de resmungar, protestar contra estupidezes.

Saímos juntas da sua residência, ela para um lado, eu para o outro. Saiu com seu embornal, esses sacos de algodão natural, que os jovens de hoje utilizam para fazer pequenas compras, carregar coisas... evitando os sacos plásticos que levam três centenas de anos para se desintegrar. Meus pais, cearenses, os usavam para transportar, à tiracolo, coisas e outras. Ela o carrega no seu lado direito. Vai fazer compras para seu jantar.

Pelos 10 metros de distância, viro para trás e a vejo no alto dos seus quantos anos? Anda devagar, mas os passos são firmes. Ainda tem muitos amigos, mesmo se muitos já desapareceram com o virar dos anos. Não teve filhos, sua família, pai, mãe e irmão único, já há muito a perdeu.

Nela, nenhuma riqueza aparente, sua simplicidade é poderosa num bairro dos mais caros de Paris, a Ilha Saint-Louis, onde vive no seu apartamento. Há muito não visita mais o castelo familiar. Frequentou responsáveis políticos, famílias reais; aliás, o rei belga Baudouin era seu primo.

Volto a olhar para trás, momento em que ela vira à esquina e se vai no tempo...

MADRINHA IZOLINA

Foi embora para as estrelas, ontem.

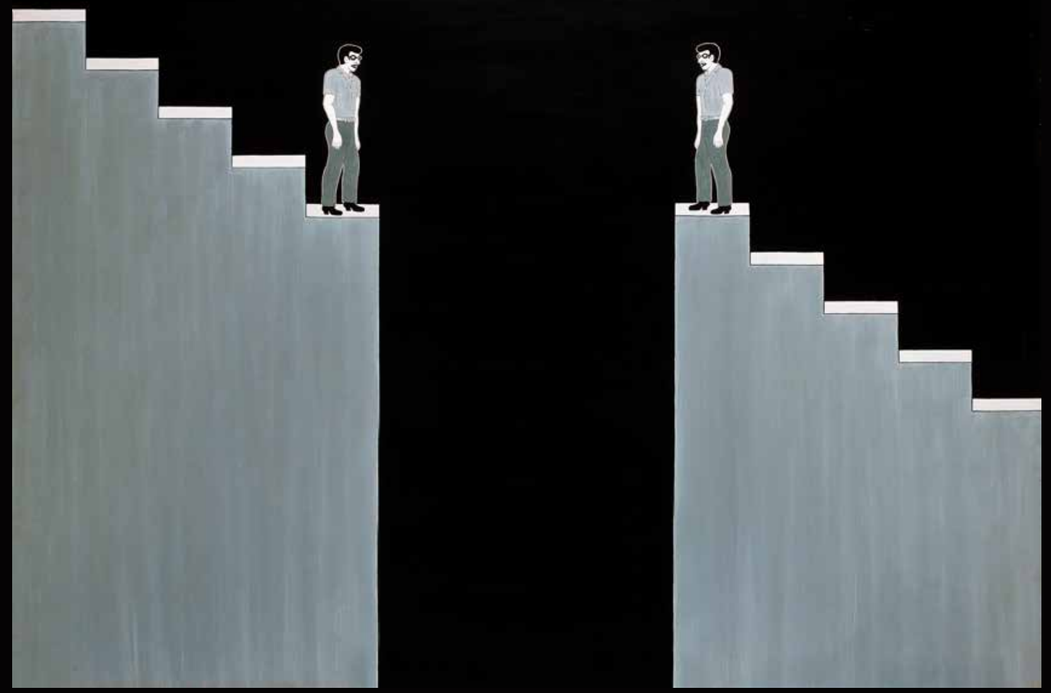
– "Tua madrinha Izolina morreu".

Sem "bom dia", ou "como vai", mana velha me deu a notícia pelo whatsapp. Sabe o quanto gostava da madrinha e queria me informar. Ainda me acordando com o horário matinal, achei que devia estar sonhando. Não! Outros cuidaram de confirmar a informação.

Madrinha "Zolina" como nós a chamávamos não era minha madrinha de batismo ou de crisma, era comadre de minha mãe porque a ajudou a me colocar no mundo. Se improvisou parteira na floresta do Sul do Mato Grosso no final dos anos 50, somente com a formação de ter tido dois filhos.

Parteira por necessidade, continuou a ajudar inúmeras mulheres "perdidas" naquela floresta, até que anos depois uma maternidade foi instalada no centro do vilarejo.

Mazé Torquato Chotil
É jornalista, pesquisadora e autora. Doutora em ciências da informação e da comunicação pela Universidade de Paris VIII e pós-doutora pela EHESS. Nascida em Glória de Dourados-MS, morou em São Paulo e vive em Paris desde 1985. Já publicou *José Ibrahim: O líder da grande greve que afrontou a ditadura, Trabalhadores Exilados: a saga de brasileiros forçados a partir (1964-1985), Lembranças do sitio, Lembranças da Vila, Minha aventura na colonização do Oeste, Minha Paris Brasileira, L'Exil ouvrier e Ouvrières chez Bidermann: une histoire, des vies.*



José Pedro Rodrigues Gonçalves
É médico, escritor e poeta que observa com rigor o que escreve, numa demonstração de responsabilidade pela qualidade quase poética daquilo que produz. Em *Tragicomédicas*, seu primeiro livro, resgatou as histórias de seu tempo de estudante de medicina no Rio de Janeiro e de parte de sua vida profissional em Cuiabá. Em *Bauxi* reconstruiu poeticamente a cultura rural do interior de Mato Grosso em meados do Século XX. Em sua terceira obra assume o lado cientista, em um livro de textos que trata do cuidado com a vida. *Da Cura para o Cuidado* apresenta uma nova forma de olhar a atenção à saúde, lançando luz sobre as vulnerabilidades humanas, *locus* originário do adoecer humano. Agora, em *Lavapés*, resgata um Bairro esquecido, um dos berços da cultura, das artes e do esporte em Cuiabá durante o Século XX, mostrando a origem real do seu nome, a fonte que, embora aterrada pelo asfalto, ainda permanece em silêncio, aguardando o seu ressurgimento naquela mesma esquina.

NEM PINK FLOYD, NEM SAI DE CIMA

Pink Floyd canta *The Wall* –
um clipe de uma hora e
meia de duração...
...eu penso na vida,
no mundo e no *wall* que Pink Floyd canta.
O muro que separa os homens.
The control,
como a música fala,
como fala de tantas coisas
a respeito do humano não humano,
desumanizado,
que imagina o mundo ao seu modo
e não vê o mundo dos homens,
nem os homens no mundo.
O controle da educação deseducada,
que torna cada ser um meio-ser
ou um não-ser,
non sense,
nem pense que estou enganado...
A besta vê a besta ser o homem
e o homem se tornar a
besta do apocalipse,
da elipse e do eclipse
que enubla a visão do ser
que não quer ser nem deseja ver.
Há uma flor que come flores,
carnívora,
devora,
adora devorar o ar tão poluído,
atrevido o ar de ser um bom mocinho,
no ninho da serpente,
e a gente se imaginar ser,
do ar o dono,
do mar o abandono
e o nono cavaleiro do
apocalipse da elipse.
The wall,
the control sobre todos,
nós todos,
todos nós desesperados
pelos nós em nós somos atados,
amordaçados
pelo *control do wall* de Pink Floyd.
The wall fala da vida,
do mundo, da droga da droga,
até da sogra viúva pela
guerra nos vilarejos
do mundo globalizado pelo desejo
do controle da mente
humana desumana.
Há um resto de mobília,
uma trilha sonora do ruído,
do barulho, do baralho,
do carcará sanguinolento que
come sangue e não bebe vinho,
um sozinho guerrilheiro na
imensidão do planeta,
da planta que mais alto se levanta
e se cala pela bala que abala a vida
ávida de morte.
Há a má sorte do norte,
de ter poder e não ser o que se deseja
ou se almeja ao beber cerveja
bem gelada no colo da amada.
The control assume o controle
da imensidão
do não servir aos desejos dos seres
e, também, dos dizeres disciplinados
dos meninos ensimesmados
pela vaidade da idade ainda não definida.
A vida da cidade na idade da vida,
da vontade, da comida não comida
pela fome que não tem
nome nem renome,
o homem mesmo compadecido
e envaidecido resolve
pelo revólver
fazer o certo bem de perto
na cabeça de qualquer um
...bummmm,
acabou-se o que era doce,
minha gente,
olhe de frente e entenda
que a tenda não atende
nem pretende mais atender
a proteção do coração humano.
Ah! Pink Floyd nem sai de cima
de nossa cabeça sem cabeça
que só pensa no que não se pensa
nem deve ser pensado,
o cansado ser humano,
desumanizado,
desagregado,
sem grego nem troiano,
deve, no final do ano,
tornar-se o que nunca foi.
Uma migalha de palha para empalhar
a parelha de ovelha deslanada,
nem lã e sem mais nada,
passando frio como menino
em julho ou agosto,
sem vergonha no seu rosto,
nem posto nem dividido,
mal pago, mas não perdido,
conforme diria a gíria do girino
quase um felino de tanta felicidade
ou facilidade de se perpetuar
no dividir sem nenhum esforço.
Eu dividido,
ardido, comovido, corrompido,
rompido o corpo de tanto trabalho,
o malho, o carcará com alho
bem temperado e ouvindo música,
sentindo a mísera da verde relva
de sob a rede de intrigas,
brigas, formigas
e outras figas desencontradas,
nem sempre atrapalhadas
pelas tresmalhadas proles
do engole e desembucha
na casa da Xuxa
ou seria da Maria de qualquer coisa?
Lembrei-me de outra Maria,
Maria do Liberdade,
daquela periferia da cidade muito pobre,
onde encobre com poucas tábuas,
simples, desencontradas,
sua miséria sem nome,
sua fome desmedida,
sua vida clandestina,
sua sina de Maria,
filha de sonho e de pobre.
Volta e meia, meia volta,
solta a cabeça no voo e
sai voando de novo
como saindo do ovo ou da ideia do povo
que sonha com tanta coisa,
mas que coisa tão sonhada,
seria asa pra voo ou ovo pra ser comido?
Coisa de pobre *the control,*
the wall para inglesver,
um verbo novo criado
pelo cuidado de ser
um falador de estrangeiro
carregado de dinheiro,
the wall...
...que coisa seria isso,
frango preto com chouriço,
ou caniço de pescaria,
perna fina de Maria,
seus ossos tíbios sem cálcio?
The control, the wall,
o muro descontrolado,
desesperado e perdido,
o muro no meu caminho,
meu desalinhado muro,
caindo pelas tabelas,
pelas velas deste escuro.
É muro que só limita
o limite de uma mente,
da mentalidade livre,
bem controlada e dobrada
na sua dignidade,
cidade fortalecida pela ferida na carne,
no cerne da consciência,
na ciência de mandar pelo
verbo controlar.

Em 5 de agosto de 2011

Nyll M. N. Louie-Alicê
É o pseudônimo de Vinícius Dallagnol Reis. Nasceu em Sinop no ano de 1992. Redige poemas desde os onze anos, tendo se embrenhado também na escrita de contos. Suas poesias foram laureadas quatro vezes no Varal de Poesias da Unemat. Outra delas ("Tentação") foi escolhida para a seleção da Vivara Editora no Concurso Nacional Novos Poetas (2014). Em 2018, publicou sua primeira obra, uma breve coletânea de poemas intitulada "Escatolírica Nokturna". Os principais temas de seus textos giram em torno dos símbolos da memória, da noite e da morte: para o autor, portanto, o ato literário significa "dar moradia às lembranças".

SONHOS DE FINAL DE TARDE E FINS DO MUNDO

Às vezes, vem a calma tempestade
de um final de tarde: sorumbenigmático.

Faz entre os carros passarem,
velozes, violentos,
uma senhora e seu neto;
e por um átimo eu desejo
o fim das cidades,
e, com elas, as humanidades.

Desisto desse pôr do sol
desta mornidão sonolenta e depressiva
esse calor que sobe, rotundo,
e sobra,
das esperanças que evaporam nos varais de chumbo...

Mas de repente, vejo à Caviúnas,
um caminhão vendendo pipas,
enroladas em varas
papagaios pescados em ripas,
e ao lado, como se as nuvens do céu fossem,
dos deuses-crianças,
seu barro de brincar memórias em quintais...

De novamente, as teias da aranha da tarde descem,
e não mais quero a explosão do mundo,
mas a mão que balance a Terra
como um berço, a esmaecer pensamortes,
onde durmam sereias
o seu sono mais profundo;
e me torno o Caos mais vagabundo,
mendigo os fins do mundo
para os confins do mundo, a desvanecer o que eu digo:
"Eu deixo o hoje por hojar
pois a morte dos outros, que estou a procurar,
já é nada mais que a morte minha que quero esquecer..."

MESTRE OTAVIANO

Otaviano

índio xucro
de olhos claros

não sabe escrever o nome
nem conhece a Capital...

Cativo na sua mudez
tem uma refulgência divina

Olha a vida com a altivez da raça
sempre pleno de transparências

Chiru vaqueano da estirpe gaudéria
tropeando luas e transplantando falas

Índio xucro
de olhos claros

não sabe escrever o nome
nem conhece a Capital...

Mora em cima do cavalo
alfabetizando rebanhos...

Odoni Gröhs
Nascido em Canoas-RS, é médico atuante em Guiratinga-MT. Como poeta, ganhou vários prêmios nacionais e publicou Florilégio Poético I e II, Acalanto Lirial (1997), Meninos de Rua, Fascículos Mensais, Testamento – Viagem de Crepúsculo Antecipado, Canções de gastar palavras, Ao sul do outono, entre outros.

UM GIRASSOL EM MEU PEITO

A meu amigo Carlos em sua 117° primavera

Preso a mim, à minha ansiedade
À minha própria chaga
Vou de olhos abertos pelas ruas fechadas
Corpos reais, memórias reais
Nada me espreita, nada me acompanha
De longe, pássaros espiam
Um tempo de fogo, um tempo de fezes
Um tempo sem flores.

Mãos sujas no bolso irresoluto da calça
Graxa poemática embaixo das unhas
Óleo polimórfico embaixo dos olhos
Melancolias, mercadorias
Posso, poeta, neste mundo infecundo
(Em que corpos se abrem e gestos se fecham)
Rebelar-me com poemas?

Em vão me tento enxergar, os espelhos não se olham
Vinte oito anos e nenhum amor
Nenhuma flor plantada nenhum poema escrito
Já são sete horas da noite
Os homens voltam para suas casas
As mulheres já não se importam
Todos os problemas resolvidos
Todos os boletos liquidados
Todas as pedras em seus indevidos lugares
Todas as coisas fora de seus lugares.

As coisas absolutas, os homens absolutos
A angústia absoluta.
O tempo remove as dores, mas não as cicatriza.

Um Girassol nasceu em mim!
O mundo está repleto de cores
Há um arco-íris em cada esquina
As ruas estão abertas e pacíficas
Os corações estão abertos e pacíficos
Todos os poetas estão ricos
Desliguem os celulares
Não pisem na faixa
Paralisem os carros
Chamem a mídia!
Alguma coisa mudou, um Girassol nasceu em mim.

Sua cor não se parece.
Sua aparência não se define.
Seu nome não se conhece.
É um Girassol, nasceu em mim!

Deito-me na cama de meu quarto antes de dormir
(O corpo partido, o coração partido)
Ao meu lado livros, caixas e quadros se avolumam
Contemplo a Flor em meu peito
É frágil, é pequena, mas é minha
Esperanças mínimas, fantasias mínimas
Coração pequeno, mundo grande.

Pablo Rezende
É filho de dona Ilda, poeta e professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação da Rede Pública do Estado do Mato Grosso. É graduado em Letras – Português/Inglês pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e Mestrando em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). É autor do livro O dever e o haver, publicado pela Literata, em 2011. Têm poemas publicados em várias antologias poéticas nacionais e internacionais.

Paulo Sesar Pimentel
Natural de Mato Grosso do Sul, mas residente em Mato Grosso há mais de 20 anos. Graduado em Letras, Mestre em Estudos de Linguagem e Doutor em Psicologia, é professor do IFMT Campus Cuiabá – Bela Vista. Publicou as coletâneas de contos "O cão sem penas" (2014), "Diário de Uma Quase" (2010), "Café com Formigas" (2005) e "Ângulo Bi" (2002 - com outros autores mato-grossenses).

ÁGUA, LAMA TERRA, FULIGEM, AR

Do pó vieste, ao pó voltarás!
(Gênese 3, 10)

Na paisagem do rio
difícil é saber
onde começa o rio;
onde a lama
começa do rio;
onde a terra
começa da lama;
onde o homem,
onde a pele
começa da lama;
onde começa o homem
naquele homem.
(O cão sem plumas.
João Cabral de Melo Neto)

Acordei com o apito da fábrica. Por que essa terra que nos cobre, essa fuligem oleaginosa? Tomei banho ontem à noite, antes de dormir, era tarde, tão tarde, mas eu precisava despregar o mundo de minha pele, precisar arrancar da carne o que não é carne. Lembrei-me que um dia, Jesus misturou terra à sua própria saliva, formando um barro, que colocou sobre os olhos de um cego que lhe implorava ajuda, e o curou. A matéria do homem é a mesma que formou a Terra, o ser é plasmado do pó da terra, insuflado em suas narinas o sopro da vida, o homem vivo, caminhante da terra, na terra, eternamente na mãe. Por isso, ele o curou. Nosso corpo físico é composto de cálcio, fósforo, ferro, iodo, os mesmos elementos que formam a terra, o mais poderoso instrumento de cura. O poder é o filho de deus ou a mãe que sempre esteve abaixo de nossos pés? Independo disso. Todas as noites, eu preciso tirar, arrancar essa terra, essa fuligem oleaginosa que essa mesma fábrica que me acorda lança sobre os corpos e nunca me cura de nada, só me adoece, me dói, me mata. Houve um tempo em que as coisas eram diferentes. Agora não.

Acordei com o apito da fábrica e essa terra que nos cobre, essa fuligem oleaginosa, tirada ontem à noite, antes de dormir, bem tarde, já me empesteia, me gruda, me agarra aos lençóis trocados há poucos dias, que novamente hoje precisam ser substituídos. Tomo um banho demorado, deixo a água escorrer do topo da cabeça, cascata, cachoeira, pelos olhos, pela boca, pelo peito, por mim, pernas abaixo, em direção a um ralo levemente escurecido pela terra, pela fuligem que me cobre, de dia e de noite. Desligo o chuveiro e esfrego com força o sabão, faço espuma abundante, embranqueço em bolhas frágeis, deixo por um tempo, até sentir a pele amaciada, a pureza das células epiteliais, sozinhas, sem as impuridades que a fábrica lança ao ar. Ligo novamente a água e sinto escorrer um líquido meio grosso que entope o ralo, que se esquiva devagar em direção aos abismos sob meus pés. É impossível banhar-se duas vezes com a mesma água, já a sujeira que nos cobre é como uma mosca arisca que pousa, é espantada, levanta um voo rápido e depois retorna, vagabunda rampeira que busca no imediato uma razão de vida.

Saio do chuveiro, o corpo ainda escorrendo, os olhos já despertos para as nuances dessa manhã recém inaugurada por esse sol ardido, forte. A toalha me enlaça as curvas, se esfrega em minhas dobras, apêndices e reentrâncias. Sinto uma vontade doida de beber, um trago amargo, uma cachaça forte que me desperte os ânimos, que me entorpeça alguns sentidos.

Bebo num trago, olho o copo ainda em posição, descrevendo uma elipse perfeita em direção ao balcão que uso como mesa. Sua borda denuncia o uso. Do copo, da mesa, eu. Tudo nessa casa está encardido, tudo nessa casa cheira à degradação e abandono. Até eu, que insisto na limpeza, já estou novamente coberto por uma nata de suor, onde as minúsculas partículas de óleo, de imundícies várias, pousam suaves, acariciando a pele e tentando fundir-se a ela.

Há alguns dias, notei uma estranha transformação. Acordei pela manhã e, empapado de suor e fuligem e terra escura, senti uma coceira enquanto me dirigia ao banheiro. Todas as manhãs, eu preciso tirar a terra, tirar a fuligem, tirar o suor que conquistei inconsciente durante a noite. Isso ainda me faz sentir-me vivo, sentir-me humano – tirar, nunca acumular, que me embrutece. Mas nesse dia que acordei pela manhã, empapado, sumarento, mesmo tendo na noite anterior deixado a água correr violenta sobre meu corpo, escurecer-se e escorrer por um ralo, sempre escuro, sempre manchado, nesse dia, percebi pequenas placas na altura dos braços, placas metálicas que formavam uma pulseira, das mãos ao cotovelo. Elas estavam lubrificadas e lisas, brotando da pele, se estendendo como escamas de um ferro sujo, no caminho da oxidação. Puxei-as com as pontas das unhas crescidas e vi saírem, uma a uma, muitas, empilhadas sobre o chão do banheiro e deixando atrás de si, em mim, no que sobrou de mim, um líquido espesso, óleo, sangue, barro, não sei. Talvez eu devesse ter me assustado, quem sabe, ao menos gritado, ou gemido baixo. Apenas bati os dentes, gastei o esmalte, triturei as carnes da boca com os incisivos, os caninos, os molares. Saí do banheiro, a carne viva de meus braços chocando-se contra as partículas que flutuavam por toda minha casa, poluindo o ar com a fuligem dessa maldita fábrica que além de tudo apita insistentemente. Sai do banheiro e enchi um copo. Era cedo e eu estava molhado e machucado e nu. Enchi um copo com uma cachaça forte, ardida, e virei garganta adentro. Depois, deixei o tempo correr, esgotar-se. Apagado no sofá, acredito que no sono não houve sonhos. Um deslizar suave, uma fagulha se agitando contra a brisa, sátiros brincando com uma cinza no ar, um balé esquisito, uma dança gostosa aos olhos e inútil ao mundo.

Acordei com o apito da fábrica. Quantos turnos, três, quatro, todos? A fábrica trabalha ininterruptamente, dia e noite, de segunda a segunda, sem o dia do descanso do senhor? Mesmo sem olhar na janela, sabia que o tempo todo, em frente de minha porta, de minhas janelas, uma profusão de operários obedientes seguia rumo à grande entrada, uma bocarra com incisivos e caninos, sem molares, sem pré-molares, a se abrir para o calor da cidade. Eu dormi horas, talvez dias, talvez... acordei e era noite. Lembro-me do banho, lembro-me da cachaça, do sono profundo, não lembro nada. Olho meus braços e, novamente, vejo-os cobertos por uma mistura de poeira, terra, fuligem, cinza, metais oxidados que estão sendo lubrificados pelo ar. Há óleo escorrendo de mim, de meus poros e, triste, não desesperado, não louco, não fora de mim, mas dentro, percebo que a fuligem, o fumo ardido, não vem de fora, nunca veio de fora, brota de mim, vem de mim, está em mim, está em mim essa substância preta, pulverulenta, essa fumaça depositada nas paredes e no teto do meu corpo, nos canos que correm sob minha pele. A fábrica apita, mais uma vez e outra e mais outra e tantas vezes que não consigo mais contar, involuntariamente, ela apita. Ouço minha voz, uma boca sem dentes, já sem dentes, vejo manchas pretas, irregulares, esparramadas por meu corpo, vejo em alguns pontos, sulcos, reentrâncias, apêndices prateados, dourados, oxidados e eles se espalham, não tenho unhas para retirar e a pele dos dedos se confunde com o metal, é metal. Abro mais uma vez a boca para gritar, mas sou confundido com o apito da fábrica que brota no meu peito. Fecho os olhos e vejo o metálico cerrar a paisagem. Penso ver também vultos, pessoas, uma multidão, uma legião vindo em minha direção. De pequenas bailarinas de fumo e fumaça, eles se tornam humanos, vagamente humanos e pousam em mim. Começa o trabalho e eu durmo, não sei se feliz ou infeliz, nem sei se humano.

Raí Prado Morgado
(Caraguatatuba, 1999) é estudante de Gestão Ambiental da ESALQ/USP, em Piracicaba, e escritor responsável pelo Sob o Silêncio, projeto literário com mais de 50 mil seguidores. Expõe e vende itens artesanais do projeto em eventos culturais pelo estado de São Paulo, e tem poemas publicados pela revistas Subversa, Vício Velho, Mallarmargens e Ruído Manifesto, no Brasil, e pelo coletivo MásPoesia, na Argentina.

O PÔR DO SOL: UM ASTRO ARDENTE

é fácil confundir um meteoro
com a esperança da gente

e leva tanto tempo
pra cair uma estrela na terra
que todo fim de tarde parece cadente

os cadetes da força aérea
sonham em ser comandantes
mas a vida continua a mesma
nas frentes de combate

ainda assim
é preciso estudar o voô
sobretudo as condições de voô

DA JANELA, EU SÓ VEJO PEDRA

tudo que peso é dor nas costas
e o vento batendo na porta
é alívio e óbito dos livros
porque tudo que somos é o peso
do mundo e nada nos livra
de carregar em todos os cantos
os tangos de todas as valsas
e tantas danças mistério
das narrativas em que olho e
te espero
nas ondas de mares e rádios
para te falar do prédio no espelho
a receber luz de manhã cedo
de cada canto de céu arranhado
das manhãs revoadas sem medo

MEUS AMIGOS ESTÃO TODOS PREOCUPADOS

mas o nosso interesse
em ter esse desespero
transformado em aprendizado
ainda faz a esperança
de se ter mais paz no peito
ser maior do que dizemos
sobre nossos sentimentos
a quem não entende nada

Raquel Naveira
É escritora, professora universitária, crítica literária, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo, autora de vários livros de poemas, ensaios, romance e infanto-juvenis. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (onde exerce atualmente o cargo de vice-presidente) e ao PEN Clube do Brasil.

ALMA E LAMA

Quando foi que a lama se transformou em alma?
Era tudo brejo,
Terra agitada,
Fermentada
E plástica,
Solo palpitando de bolhas,
De larvas,
De insetos,
Rabinhos com olhos de feto
E vieram o sopro,
O ar nos pulmões,
A vida pelo sangue,
Pelo fígado,
Pela medula e ossos,
Pulsando quente
Como chama.

Quando foi que a alma se transformou em lama?
Era tudo espírito,
Energia,
Fio de prata,
Palavras e gestos,
Imagens que brotavam
Do intelecto,
De uma fonte de amor
Luminosa e intacta
E vieram os desejos,
As paixões,
As trevas,
A ausência de sombra
E a alma rolou no lodo,
Vagando
Como um fantasma.

Corpo nu,
Contaminado,
Enterrado na lama,
Tumor que lateja
Coberto de lesmas,
Lêndeas
E gosmas;
De repente, as águas da chuva
Lavam o corpo
E da boca
Sai uma borboleta.

Lama e alma,
Apenas uma asa,
Uma letra.

01. Domingo de música na Avenida Paulista. A guitarra produz acordes que arrebatam o coração de um homem que tem vergonha de chorar em público. Passou.

02. Uma bomba no congresso. A explosão faz o palácio estremecer. Os políticos ao redor do microfone, o presidente da mesa, seus comparsas, feridos ou mortos. O cheiro de pólvora empesteia o ar. De um rosto sombrio no vagão do metrô Vila Madalena. Passou.

03. O corpo todo tremendo na catraca do metrô Brigadeiro. Ele precisa de ajuda. Alguém acena. A funcionária se apressa, estende os braços e o ampara. Tenta entender o que ele diz. Passou.

04. A mãe estaciona o carrinho de bebê na entrada do Pão de Açúcar da Avenida Alfonso Bovero. É a noite mais fria dos últimos vinte e dois anos. Aquele filho é a sua espada. Passou.

05. Dá um trocado aí moço... A voz rouca cruza consciências na entrada da farmácia da Sé. Passou.

06. O dia é um cristal azul na Alameda Gabriel Monteiro da Silva. No trono da bicicleta o homem exibe o orgulho de usá-la na sua idade. A elegância ferruginosa – barba inclusive, arde ao sol de outono. Passou.

07. A copa das árvores ondulam na Avenida Sumaré. O vento uiva nas frestas da janela. A noite é um espectro à vapor de mercúrio. Um golpe de ansiedade e a mão largou o tecido e aquele mundo desapareceu. Passou.

08. – Alô.
– Quem é?
– Sou eu.
– Que foi?
– Acabou...
– Mas como!...
– Foi agora pouco.
– Mas os médicos diziam que não era nada grave...
– Meu Deus do céu!
– Ele foi descansar.
Passou.

09. Parabéns. É um menino. 51cm, 3.850kg, chorando a plenos pulmões. Passou.

10. Então passamos. E a flor de primavera que amamos seguirá renascendo.

Ricardo Carranza
São Paulo, 1953. É arquiteto e Urbanista, Mestre em Estruturas Ambientais Urbanas, Escritor, Editor, Pintor. Publicações – Scortecci, Sesc, Cult, Clesi, Zunái, Stéphanos, Germina, Cult, Mallarmargens, Cronópios, O arquivo de Renato Suttana, Triplov, & Escritas.org., Gueto, Ruído Manifesto. Livros de Poesia: Sexteto, Edição do Autor, SP, 2010; A Flor Empírica, Edição do Autor, SP, 2011; Dramas, G&C, São Paulo, 2012. Centelha de Inverno, G&C, São Paulo, 2019. Artigos e Ensaios in http://revista5.arquitetonica.com/ desde 2005.

Rodrigo Maciel Meloni
É um escritor/jornalista cujo trabalho já apareceu na Veja, Globo e UOL e diversas outras publicações. Ele é o autor do livro "Pobre do homem cujos desejos dependem", e responsável por produtos jornalísticos como Vidas Transformadas e Be Gay, NO Way. Contribui regularmente escrevendo poemas para a Revista Literária Pixé.

UMA VOZ POUCA GRITAVA AO LUAR, COISAS QUE ALMAS DESNUDAS PROCURAM OCULTAR

Bolo de queijo feito com polvilho em cima da mesa miava, enquanto uma loucura de sabores de fazenda, entrelaçados ao pôr do sol festivo da fazenda morta de vovô, jazia cansada próxima ao rio febril.

Era tudo o que tinha aquele pé da serra.

Aves passavam em sentido horário, hora sim, hora sim. As árvores, sentadas embaixo da sombra de outras árvores, teciam fofocas sobre os arbustos, másculos arbustos, e suas intenções reprodutivas.

No canto, ao lado do pé de galinheiro, nascia um feroz riacho, que, correndo rápido para o sul, tentava se tornar rio. Faltava-lhe corpo, entretanto. Vontade não! Mas água ele não tinha. E dele, as galinhas riam baixo.

Um gato malhado dormia perene, sem se preocupar com o sol. A brisa leve o acalmava. Ela, que descia gelada da montanha carente, fazia clima ser amigo.

Apesar de ali ser um lugar longe – demorávamos dois ciclos de lua para naquele ponto chegar -, a família toda se divertia numa independência de dar gosto. Crianças em ciranda, animais a postos, ariscados pela confusão, mas sábios de que nada de mal imperaria por ali; tornavam o quadro que se via um trem bonito de se ver.

Uma senhora cerrava dente e prendia língua de jeito engraçado enquanto mirava linha no buraco da agulha.

Ali, ao pé da serra, era tudo que se tinha.

Um boi cantava vacas de suspiro, e outro boi olhava melancólico o sol chegar rasteiro. Via seu amigo cantante tropeçar em algodões de poesia, poético boi a cantar.

A dona da agulha, que costurava vidas e emendava mortes com a linha do tempo, conversava crianças, entre lábios de mel. Ao final de seus contos, eram todas elas velhos de novo, gastos pelas palavras de Cronos.

E isso, era tudo que havia no pé de serra.

JOGATINA

Eu jogo
tu jogas
ele joga
nos perdemos
a vida num jogo
jogo de cartas marcadas
ouro, copas, espadas
paus no outro lado
turca, retruca na mesa de um bar
ensaia pra aprender
só um vai ganhar
o Ás
o mais importante é a competição
ser curinga
fazer a alegria do rei
por dentro Tristão
Isolda, só depois de morto.

Rubermária Sperandio
É mineira, formada em Comunicação Social e mestre em Mídia, Política e Cultura pela UFMT. Foi professora, assessora parlamentar e de comunicação em Mato Grosso. Vive há cinco anos no Rio, onde fez vários cursos de literatura e de Edição, Revisão e Preparação de Originais. Trabalha como preparadora de originais de literatura e de textos acadêmicos. Tem vários contos e poemas publicados em revistas e antologias. Publicou em março de 2019 o livro de poemas Matrioskas.

Samuel Medeiros
É nascido em Bela Vista e mora atualmente em Campo Grande-MS. Publicou romances, contos e crônicas. Membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Seu primeiro livro saiu em 2002, "Memórias de Jardim" e logo o romance histórico-ficcional "Senhorinha Barbosa Lopes", com o subtítulo: uma história da resistência feminina na Guerra do Paraguai. .

COMERCIAIS

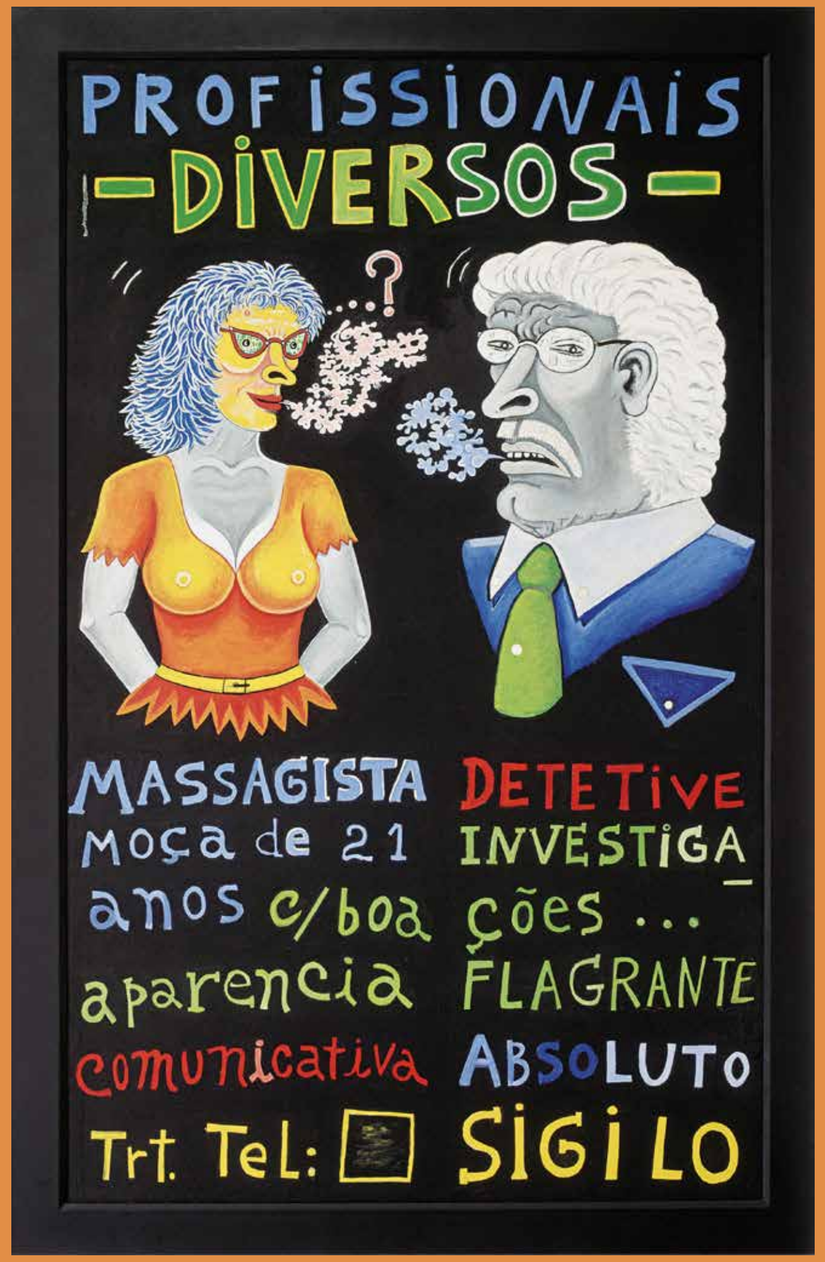
- Vende-se livro sem letras para analfabeto convicto.
- Alugam-se rios para grandes barcos e pequenos barcos para córregos sedentos.
- Imprimem-se marcadores de livros com textos para quem não consegue passar do prefácio.
- Missão indígena chega à cidade à procura de sua origem; quem tiver pistas, favor despistar a missão.
- Vende-se casa há muito desabitada com a condição de que nela não more ninguém.
- Homem jovem e solitário procura outro, velho e rodeado de gente.
- Agricultor oferece-se para semear ventos e colher tempestades.
- Jazigo novo e recentemente pintado aguarda morador exigente.
- Candidato recém eleito e analfabeto, deseja boas leituras para quem nele votou.
- Moça de fino trato oferece-se para trabalhos domésticos. Que não seja em casa de família. De família anda cheia.
- Caminhoneiro oferece-se para transportar cargas insuportáveis com pesos toleráveis.
- Misturam-se óleo e água a domicílio; serviços só para os não céticos.
- Viajante desacompanhado procura companhia para ficar na casa.
- Vendedor de café solúvel coloca à venda loja, e procura outra de café em pó.
- Noiva arrependida oferece o noivo por preço módico.
- Mulher troca uísque brasileiro por um paraguaio de 21 anos.

AVISOS E REAVISOS

Estacionamento para deficientes físicos – não seja fronteiriço.
Casa de repouso. Se roncar, vá roncar debaixo do viaduto.
Local reservado para fumantes. Se continuar fumando nem local mais terá.
Entrada somente para funcionários – funcione pelo menos uma vez na vida e não entre.
Banheiro masculino. A ser utilizado unicamente pelos mais apertados.
Banheiro feminino. Papel higiênico reciclado.
Este produto contém glúten – se é alérgico, por que comprou?
Consumir este produto em seis meses. Duro aguentar uma latinha de manteiga tanto tempo...
Não trocar os pés pelas mãos – invariavelmente você é um mentecapto.
Cuidado, veneno. Com cuidado, envenene-se.
Teatro fechado. Por que a placa se a porta está trancada?
Alugo ou vendo esta casa. Merda de indecisão!

PERGUNTAS ALEATÓRIAS:

- Por que tarda esta tarde?
- Guardar alfinetes me tornará um alfaiate?
- Mudo de roupa ou me mudo de casa? Continuo mudo?
- Sem relógio, como posso exigir-lhe uns minutinhos?
- Aluno burro requer tempo para estudar ou anima-se a estudar sem tempo?
- Casal casado calça calçados de couro? Caso calcem, cuidado com calos.
- Partiu pensando parar para pensar?
- Chuva mansa molha menos que chuva brava?
- Um fio de esperança vale mais que um quilo de desesperança?



A NOIVA MORENA DO CERRADO

Setembrou –
e Iansã deu o ar da graça - ventos cortantes
varreram a poeira vermelha do asfalto,
granizos fustigaram e raios alumiaram
todos os cantos do planalto.

Xangô, que acompanhava os passos da amada,
irritou-se com tanta sujeira acumulada
e lançou um balaio de gritos retumbantes.

Aos berros, acordou todos os viventes do mar de Xaraés
apavorando o povo das serras, planícies e chapadas
que, protegidos, invocavam desesperados
a mansidão de Oxumaré.

Eu, que a tudo assistia desde a véspera,
através da janela envidraçada,
bendisse cada gota de água derramada.

Há meses que a mãe natureza se enfureceu
com o desmazelo dos filhos da terra,
e o fogo grassa sobre os domínios de Oxóssi.

Arroboboi! Salve o Senhor das águas supremas!

Enfim os ipês brancos estão livres para derramar suas floradas;
com elas o cerrado se engrinalda
e a Morena se rende, faceira,
aos encantos da primavera.

Walesca Cassundé
Nome literário de Walesca de Araújo Cassundé, cuiabana, residente em Campo Grande-MS. Formada em direito pela FUCMT. Advogada por opção e criminalista por vocação. Poeta por catarse, libertação física e purgação espiritual. Em março de 2017, lançou “Confissões Essenciais”, pela Ed. Gráfica Ruy Barbosa.

HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER

Anna Maria Ribeiro Costa
É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.

QUANDO O MUNDO ACABOU. O URUTAU, A MULHER SOL E O HOMEM LUA

Urutau, uma ave de hábitos noturnos, também chamada de mãe-da-lua e emenda-toco, alimenta-se de animais de pequeno porte como morcegos, lagartos e pássaros. Mas, tem preferência por insetos que consegue captura-los em pleno voo. Não se assusta com facilidade e não se acostuma ao ambiente citadino. Quando pousado, sua postura estática e sua plumagem o deixam camuflado, confundido com um pedaço de madeira ou galho de árvore, por isso é também conhecido por camaleão dos céus.

Os indígenas da etnia Nambiquara, habitantes de terras localizadas ao Oeste de Mato Grosso, acreditam que o urutau, utisu, é a ave responsável pela regularidade do dia e da noite. No tempo de antigamente, que não se pode contar de jeito nenhum, o dia morava dentro de uma cabaça branca e a noite morava dentro de uma cabaça preta.

O grande pajé era o dono das cabaças.

Sim! Ele mandava nas cores do céu, onãnkosu. Na cabaça branca ele guardava o dia; na cabaça preta, a noite. Todo fim de dia, ele guardava a mulher Sol, ujenakisu, em sua cabaça branca e, do interior da cabaça preta, retirava o homem Lua, ilakisu. Hora de todos pararem de trabalhar. Hora de contar histórias, de dormir.

Dia ensolarado. O pajé precisou se ausentar da aldeia. Como faria para recolher a luz da mulher Sol? Quem libertaria a escuridão do homem Lua? Lembrou do urutau que, por suas características, o mais indicado para ficar de posse das cabaças e controlar as cores do céu. Chamou e ave para explicar o momento correto da entrada da mulher Sol e da saída do homem Lua em suas respectivas casas de cabaças. Mostrou-se entendido no assunto e prontamente aceitou a importante missão.

Com as cabaças em seu poder, se sentiu o próprio pajé. Faceiro com a tamanha responsabilidade que lhe foi atribuída, levou os recipientes para o toco de uma árvore. À espera da hora de recolher a mulher Sol, descansou. Mas, ao movimentar-se, percebeu que uma das cabaças produzia um som, semelhante a um chocalho. Era a cabaça da noite. Chocalhou o recipiente do dia com as duas asas. Nenhum barulho. De novo pegou a cabaça falante e mal agitou, produziu o mesmo som. E, curioso como ele só, resolveu destampar a cabaça antes do acertado com o pajé.

Com precaução para evitar um mal, abriu só um pouquinho a tampa de sabugo de milho para saber o que produzia barulho. Eram contas miúdas de coco tucum, pérolas negras do cerrado, ideais para a confecção de colares que protegem dos maus espíritos. Fechou!

Mas, as horas pareciam não andar. A mulher Sol a pino. Sacudiu novamente a cabaça da noite. E as contas de tucum cantavam... A ave cobiçava um colar para ornar seu pescoço. Destampou de vez a cabaça do homem Lua para obter as contas de coco tucum, a imaginar um precioso colar em seu pescoço. De dentro da cabaça, o homem Lua saiu abruptamente e ocupou toda a abóboda celestial. O urutau tentava em vão puxar a escuridão para o interior da cabaça. Enquanto isso, os homens que caçavam perderam-se no mato com a chegada inesperada do homem Lua. Na aldeia, as pessoas estavam amedrontadas.

Em pavor, gorjeou: uuuuu-ru-tauuuuu, uuuuu-ru-tauuuuu.

De longe, o pajé viu a escuridão caminhando em sua direção. Antes de chegar à aldeia, foi ao encontro do urutau que envergonhado lhe entregou as cabaças. Exaltado, o pajé tentou colocar de volta na cabaça da noite a escuridão do homem Lua. Mas, foi inútil.

you are still alive

PIÉ

REVISTA LITERÁRIA